

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO**

**BÁRBARA GABRIELLA MACHADO BARBOSA**

**ACOLHENDO OLHARES:  
uma reportagem digital com pessoas com deficiência cognitiva**

Produto jornalístico

Mariana  
2022

**BÁRBARA GABRIELLA MACHADO BARBOSA**

**ACOLHENDO OLHARES:  
uma reportagem digital com pessoas com deficiência cognitiva**

Memorial descritivo de produto jornalístico apresentado ao curso Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Profa. Agnes Francine de Carvalho  
Mariano

Mariana  
2022

## SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

B238a Barbosa, Barbara Gabriella Machado.  
Acolhendo olhares [manuscrito]: uma reportagem digital com pessoas com deficiência cognitiva. / Barbara Gabriella Machado Barbosa. - 2022.  
69 f.: il.: color..

Orientadora: Profa. Dra. Agnes Francine de Carvalho Mariano.  
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.  
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. Autismo. 2. Incapacidade intelectual. 3. Jornalismo - Aspectos sociais. 4. Pessoas com deficiência. 5. Reportagens e repórteres. I. Mariano, Agnes Francine de Carvalho. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 364.65

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter De Sousa-Bibliotecário Coordenador  
CBICSA/SISBIN/UFOP-CRB6a1407



## FOLHA DE APROVAÇÃO

**Bárbara Gabriella Machado Barbosa**

### **Acolhendo olhares: uma reportagem digital com pessoas com deficiência cognitiva**

Produto jornalístico apresentado ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Jornalismo

Aprovada em 20 de junho de 2022

#### Membros da banca

Doutora - Agnes Francine de Carvalho Mariano - Orientadora (Universidade Federal de Ouro Preto)  
Mestra - Mariana Cecília da Silva - (Universidade Federal de Minas Gerais)  
Doutora - Adriana Bravin - (Universidade Federal de Ouro Preto)

Agnes Francine de Carvalho Mariano, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 28/06/2022



Documento assinado eletronicamente por **Agnes Francine de Carvalho Mariano, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 29/06/2022, às 14:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [http://sei.ufop.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0353225** e o código CRC **5971B2AA**.

## DEDICATÓRIA

Esse projeto é dedicado a todas as pessoas com deficiência intelectual e suas famílias, que enfrentam inúmeros desafios todos os dias em nossa sociedade, que é, muitas vezes, pouco respeitosa, acolhedora e inclusiva. Esse trabalho é, principalmente, para tantas pessoas que gostariam de poder mostrar o mundo através de seus olhares, sendo protagonistas da própria história.

Em especial, dedico esse trabalho à minha irmã Clara Liz, que motivou essa produção. Mas também, à nossa família, à Milena, ao Lucas e à Amanda por compartilharem suas histórias comigo. Vocês são a essência desse projeto e fico feliz por poder construí-lo com cada um.

## AGRADECIMENTOS

Esse projeto é, para mim, o primeiro passo em direção a feitos cada vez maiores, sendo fruto de muito esforço e dedicação. Mais do que isso, o Acolhendo Olhares é uma construção conjunta, em que cada uma das pessoas entrevistadas pôde, dentro das possibilidades, revelar sua essência.

Por isso, agradeço a cada uma delas por contribuir para o sucesso desse trabalho. Cada pessoa entrevistada, direcionamento, conversa, ponte de contato e apoio técnico foram fundamentais para que fosse possível chegar até aqui.

Em especial, agradeço à minha orientadora, Agnes Mariano, pelo apoio, esforço, acompanhamento próximo e postura de compreensão e incentivo. Sem seus conselhos, sugestões, paciência e palavras de encorajamento, esse trabalho não seria o mesmo. Obrigada por, mesmo sem saber, me dar forças para continuar.

Agradeço também aos meus pais, por me oferecerem desde sempre o suporte necessário para essa conquista; ao meu irmão, Lucas, e minha cunhada, Natália, por serem exemplo; ao meu namorado, Daniel, por ser apoio e afeto; aos meus amigos Thulio e Letícia por dividirem essa jornada comigo desde o início; aos meus colegas de trabalho pelo incentivo, apoio técnico e por vibrarem por mim.

Por fim, agradeço a mim mesma por levar esse projeto adiante, respeitando meus momentos, ciclos e capacidades. Acredito que esse é, sim, o encerramento ideal para meu ciclo enquanto estudante de Jornalismo na Universidade Federal de Ouro Preto.

## RESUMO

Esse memorial tem como objetivo apresentar o trabalho “Acolhendo Olhares”, uma reportagem digital veiculada em um site homônimo. O projeto foi construído como Trabalho de Conclusão de Curso na modalidade produto, tendo como objetivo falar com (e sobre) jovens com deficiência cognitiva. Para tal, a reportagem conta com diferentes linguagens: textos, vídeos e imagens. Neste memorial, temos a contextualização do tema sob a perspectiva do papel do jornalismo na construção de imaginários sócio-discursivos, bem como a apresentação do panorama geral das deficiências no Brasil e os agentes de comunicação como propulsores da diversidade, inclusão e cidadania em nossa sociedade. Ademais, explicita o processo produtivo da reportagem digital, com suas nuances e desafios. O objetivo foi dar escuta às pessoas entrevistadas e, a partir daí, construir perfis sobre cada uma delas.

**Palavras-chave:** Deficiências; Deficiência Intelectual; PCD; Inclusão; Autismo; Reportagem;

## ABSTRACT

This memorial aims to present the work “Acolhendo Olhares”, a digital report in a website of the same name. The project was built as a Final Paper in the product modality, and talks to (and about) young people with cognitive disabilities. To that, the report has different production formats, setting up an interactive website with texts, videos and images. In this memorial, we have the contextualization of the theme from the perspective of journalism in the construction of social imaginaries, and presents the panorama of disabilities in Brazil. Although, it talk about how the communication agents are drivers of diversity, inclusion and citizenship in our society . Furthermore, it explains the production process of digital reporting, with each step and project challenges. Finally, the report aims to listen to the people interviewed, bringing profiles about each of them.

**Key-words:** Disability; Intellectual disability; Inclusion; Report;



## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>8</b>
<b>2. JORNALISMO E CIDADANIA</b>	<b>10</b>
2.1 A inclusão de pessoas com deficiência e o contextos dessas lutas no Brasil	15
2.1.1 Um breve resumo sobre deficiências intelectuais	17
2.2 A comunicação na transformação de imaginários	19
2.2.1 O papel do jornalismo na promoção da cidadania, acessibilidade e inclusão	21
2.2.2 As abordagens jornalísticas sobre PCDs	22
2.3 A reportagem e os formatos de produção multimídia	23
2.3.1 A produção hipermídia e o jornalismo online	25
<b>3. O FORMATO DE DIVULGAÇÃO E OS PROCESSOS PRODUTIVOS</b>	<b>28</b>
3.1 A construção do produto	29
3.2 Realização do projeto editorial e gráfico	35
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>37</b>
<b>5. REFERÊNCIAS</b>	<b>38</b>
<b>ANEXO 1 - TEXTO INICIAL</b>	<b>41</b>
<b>ANEXO 2 - TEXTO SOBRE A AMANDA</b>	<b>44</b>
<b>ANEXO 3 - TEXTO SOBRE A CLARA</b>	<b>48</b>
<b>ANEXO 4 - TEXTO SOBRE O LUCAS</b>	<b>54</b>
<b>ANEXO 5 - ENTREVISTA PINGUE-PONGUE</b>	<b>59</b>
<b>ANEXO 6 - COMPILADO DE FOTOS AMANDA</b>	<b>61</b>
<b>ANEXO 7 - COMPILADO DE FOTOS CLARA</b>	<b>63</b>
<b>ANEXO 8 - COMPILADO DE FOTOS LUCAS</b>	<b>66</b>
<b>ANEXO 9 - COLAGENS</b>	<b>68</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Desde o início do planejamento, a temática deste Trabalho de Conclusão de Curso foi evidente para mim. Não somente por ser um assunto ao qual eu sou sensível e geraria inquietações para além do campo jornalístico, mas também pela oportunidade de realizar uma produção digital sobre uma temática a respeito da qual os meus conhecimentos teóricos eram poucos. Isso porque, para mim, o desafio é algo que torna a realização ainda mais instigante.

Abordar novos campos do conhecimento sempre foi algo que me despertou interesse e, cada vez mais, esse espaço foi cedido para os mecanismos online. Assim, a criação de um material jornalístico digital é, para além de uma ferramenta de ampliação do acesso ao conteúdo, um desafio interessante e que abriu novas possibilidades para a abordagem sensível do tema – quem são as pessoas com deficiências cognitivas e qual a importância de incluí-las na sociedade.

A inspiração para trabalhar o assunto surgiu da minha vivência cotidiana, desde a infância até os dias de hoje. Minha irmã, dois anos mais nova que eu, passou grande parte da sua vida sendo acompanhada por especialistas de diferentes áreas da Medicina, Psicologia e Pedagogia, em busca de respostas sobre o que poderia lhe causar tantas dificuldades no desenvolvimento, aprendizado e convívio. Contudo, a Clara ainda não possui diagnóstico para a sua condição, mesmo que apresente diversas necessidades específicas no dia-a-dia, realizando tratamento psiquiátrico para elas.

No decorrer dessa jornada, tivemos o prazer de conhecer pessoas incríveis e com histórias semelhantes à nossa, seja pela incerteza, seja por diagnósticos já oferecidos no início do desenvolvimento e que impactaram toda a rotina e a história de uma família. Com isso, se tornou ainda mais importante para mim falar sobre inclusão, respeito e cuidado, principalmente no que concerne às deficiências que afetam o âmbito cognitivo.

Assim, uma visão muito particular e que exerce influência na escolha do título desta produção é a de que pessoas com essa condição sempre terão consigo um tom de alegria, sutileza e afeto, que são transmitidos em diversos gestos e olhares. Por isso, essa é a percepção que busco transmitir com o produto – de que, para além do respeito, equidade e mudança de imaginários, é preciso realmente

compreender essas pessoas e famílias, bem como acolher suas visões sobre si e sobre o mundo que as cerca.

Outro ponto de influência na escolha narrativa está na célebre frase “os olhos são a janela da alma”. Isso porque sempre acreditei na comunicação subjetiva, aquela em que os olhares e gestos dizem mais do que qualquer palavra. E, mais uma vez, é isso o que quero com essa produção: ir além da palavra falada e escrita. O objetivo dessa reportagem é acolher olhares, trocar experiências e dar escuta ativa àquelas pessoas que são constantemente silenciadas por nossa sociedade

Dessa forma, para realizar uma abordagem sensível e que perpassa os caminhos do Jornalismo, foram realizadas pesquisas teóricas no campo da reportagem, da intervenção dos meios de comunicação nas construção de imaginários sociais, das narrativas online e hipermídia vinculados à deficiência.

Por isso, o objetivo deste produto é questionar o fazer jornalístico e a necessidade de assumir veementemente o papel de transformação social que lhe é atribuído, mas também criar um espaço seguro e humanizado que transmita parte das inquietações e alegrias de pessoas e famílias que possuem lugar de fala perante a temática da inclusão de pessoas com deficiência cognitiva. Assim, busca-se criar tensões e, portanto, reflexões, em todos aqueles que acessarem o conteúdo, contribuindo de forma sutil para a visibilidade do tema.

Objetivando explicitar os aspectos relacionados à realização do produto, este memorial está estruturado em duas partes: “Jornalismo e cidadania”, composta por reflexões pautadas no referencial teórico necessário para embasar a pesquisa e, conseqüentemente, o produto; e “O formato de divulgação e os processos produtivos”, que traz um relato sobre os processos envolvidos na execução e divulgação do produto no ambiente online.

## 2. JORNALISMO E CIDADANIA

O fazer jornalístico é entendido como o ato de apurar, enquadrar, estruturar e divulgar informações de interesse público. Essa definição é melhor explicitada por Beltrão (1980 apud CORDENONSI; MELO, 2008, p. 2): o jornalismo é a “informação de idéias, situações e fatos atuais, interpretados à luz do interesse coletivo e transmitidos periodicamente à sociedade com o objetivo de difundir conhecimentos e orientar a opinião pública no sentido de promover o bem comum”.

Nesse sentido, Lippmann (1922 apud TRAQUINA, 2005, p. 15) afirma que os meios de comunicação “são a principal ligação entre os acontecimentos no mundo e as imagens que as pessoas têm na cabeça acerca desses acontecimentos”. Dessa forma, podemos entender os media como o vínculo básico entre os acontecimentos de uma determinada comunidade, região ou cultura e o povo a ela pertencente, bem como ao entendimento do ocorrido.

Paralelo a essa definição, Stuart Hall (1984 apud TRAQUINA, 2005, p. 17) apresenta a percepção de que quando há um acontecimento, ou seja, um fato, haverá quem o perceba e atribua significado — e é neste momento em que atuam os jornalistas. Ou seja, os ocorridos do cotidiano são notados por algumas pessoas associadas a esse acontecimento, chegando a novas esferas e, conseqüentemente, aos meios de comunicação, que atribuem um sentido ao fato a partir de suas vivências e percepções, bem como em consonância com as escolhas editoriais do veículo de atuação.

Com isso, o acontecimento será transcrito de forma autêntica e transmitido pelos veículos midiáticos de forma a informar a audiência sobre o ocorrido e suas implicações. Apesar disso, e como reitera Stuart Hall, as pessoas tendem a buscar por diferentes versões dos fatos, o que compromete a ideia de legitimidade jornalística. Nesse sentido, os viesamentos e opções narrativas de cada veículo são, também, um reflexo dos valores da sua audiência, que busca por uma versão dos acontecimentos que se aproxime, ou até mesmo distancie, de suas crenças. Por isso, é tão importante destacar que “a notícia não é um relato, mas uma construção” (HALL, 1984 apud TRAQUINA, 2005, p. 17).

Portanto, entender no que consiste o fazer jornalístico e percebê-lo como uma construção é essencial para a compreensão dos seus impactos na vivência

cotidiana, na mensagem recebida pelos leitores / espectadores e nas escolhas narrativas do profissional responsável pela realização da matéria. Assim, entender o jornalismo como uma construção é também assumir a sua relevância no surgimento e propagação de imaginários.

A ideia do fazer jornalístico como uma construção é também reforçada pela socióloga Gaye Tuchman, que escreve: “[...] a notícia, como todos os documentos públicos, ser (é) uma realidade construída possuidora da sua própria validade interna”. (TUCHMAN, 1976/ 1993 apud TRAQUINA, 2005, p. 19). A definição proposta reitera o jornalismo como prática dependente de diversos fatores econômicos, culturais e regionais e suscetível às práticas capitalistas, visões políticas e escolhas por angulação para ser validada socialmente.

Dessa forma, a imagem de um fazer informativo e comunicacional que é maleável de acordo com seu público, influências externas, escolhas editoriais e crenças individuais é reforçada. Afinal, o capital financeiro e as práticas capitalistas têm papel fundamental nas opções editoriais, de enquadramento e de critérios de noticiabilidade, bem como fatores culturais e visões políticas influenciam na perspectiva do jornalista ao apurar e relatar um fato. Além disso, todos esses fatores se retroalimentam, formando um ciclo de expectativas a serem atingidas e que resultam em escolhas de angulação com maior probabilidade de serem aceitas pelo público consumidor.

Para Anelise Rublescki (2010, p. 13), as notícias “podem ser classificadas a partir de critérios diversos: por sua forma de apresentação, pelo conteúdo, pela estrutura, pelas características que adquirem face nos diferentes suportes (impresas, radiofônicas, televisivas).” Essa definição dialoga com os critérios de noticiabilidade propostos por cada veículo, bem como pelas escolhas de angulação e linguagem. Essa proximidade se dá em função da influência direta desses aspectos na ordem de apresentação dos fatos, na escolha das fontes e no tom e voz utilizados na matéria.

O que é amparado por Alsina (1996 apud RUBLESCKI, 2010, p. 14), que afirma que a notícia é “uma representação social da realidade cotidiana produzida institucionalmente e que se manifesta na construção de um mundo possível”. Ou seja, a notícia traz representações de indivíduos e fatos presentes na sociedade, produzindo uma visão acerca de um grupo ou local baseada em visões e abordagens institucionalmente estruturadas e que se fazem presentes na

construção de imaginários e novas representações sociais, refletindo a realidade cotidiana, mas também realidades possíveis, uma vez que a interpretação de cada acontecimento é subjetiva e pode ser transformada a partir do consumo de diferentes conteúdos.

Definido o que, em linhas gerais, caracteriza o jornalismo e os meios de construção jornalística, parte-se para o entendimento do seu papel social enquanto propagador de informações e construtor de realidades de “um mundo possível”.

A partir dos estudos das Teorias do Jornalismo e subsidiado por outros autores, Nelson Traquina (2001/2005) elencou algumas abordagens da comunicação, dentre as quais, para a presente pesquisa, cabe destacar:

1. Teoria do agendamento: essa teoria associa a cobertura de fatos pelos meios de comunicação e a relevância desses temas para a sociedade. Nesse sentido, acontecimentos mais abordados pelos veículos de comunicação tendem a ser pauta do convívio social dentre os consumidores daquele conteúdo.
2. Teoria do espelho: nela, os fatos apresentados pelos media são tratados como um reflexo da realidade que nos cerca. Com isso, cabem reflexões como o que é a realidade e como a transformação do jornalismo pode gerar mudanças na sociedade (e vice-versa).
3. Teoria da ação social: também conhecida como GateKeeping, essa teoria reitera como os valores e percepções individuais do jornalista afetam a escolha do enquadramento (TRAQUINA, 2005) da notícia. Para além disso, essas percepções podem ser influenciadas pela escolha editorial do veículo que dissemina a informação. Assim, o jornalista é o “guardião do portão” informacional.
4. Teoria da ação política: é uma das percepções que associa mais diretamente o papel do jornalismo na sociedade e as implicações do fazer jornalístico. Nesse sentido, Traquina retoma “a capacidade do Quarto Poder em corresponder às enormes expectativas em si depositadas pela própria teoria democrática” (2005, p. 163).

As teorias destacadas, na concepção que busco trazer para esta pesquisa, dialogam entre si na construção de imaginários e de paradigmas sociais. Afinal, a teoria do espelho e a teoria da ação política, descritas por Traquina, estão diretamente relacionadas ao conceito de que o jornalismo é moldado pela

sociedade, mas também possui papel questionador e de transformação. Assim, os discursos propostos pelos media têm papel fundamental para o convívio em grupo e a disseminação de ideias.

Essa concepção está também relacionada com a teoria da ação social, que reitera como as escolhas por enquadramento influenciam e são influenciadas por percepções de mundo, imaginários construídos e influências externas, tal qual linha editorial do veículo e conflitos de interesse econômico e político. Por fim, a teoria do agendamento tem dupla importância: a escolha do que é noticiado conforme critérios de relevância — que podem ou não ser subjetivos — e a definição de quais pautas serão repercutidas e consideradas de maior importância, bem como a definição de quais discursos terão destaque na agenda social daqueles que consumiram o conteúdo.

Assim, essas percepções convergem para uma relação em que o jornalismo, a sociedade e a audiência fomentam e são fomentados um pelo outro a todo momento. Isto é, acontecimentos cotidianos que cumpram com alguns critérios de noticiabilidade são percebidos por meios de comunicação, que os apuram, encontram enquadramento e discurso compatível com a linha editorial do veículo e o transmitem para a audiência — que é, tal qual o próprio jornalista, parte de uma sociedade.

Com isso, o grande fluxo de informações que chega todos os dias, principalmente na era online, se torna pauta de discussões entre grupos, reverberando tensões. Aquilo que ganha maior evidência, por sua vez, pode ocasionar numa disputa de discursos e tentativas diversas de conscientização acerca de uma visão coletiva, tensionando novas abordagens para os veículos de informação. Essa relação, pouco a pouco, resulta em mudanças sociais e de paradigmas.

A partir das relações entre jornalismo, sociedade e audiência, é interessante refletir sobre o papel da comunicação para a transformação social e o reflexo da veiculação de diferentes materiais para o pensamento geral. Como reitera o jornalista Marcos Alexandre,

A comunicação é o processo da troca de experiências para que se torne patrimônio comum. Ela modifica a disposição mental das partes envolvidas e inclui todos os procedimentos por meio dos quais uma mente pode afetar outra. Isso envolve

não somente as linguagens oral e escrita, como também a música, as artes plásticas e cênicas, ou seja, todo comportamento humano. (ALEXANDRE, 2001, p. 113)

Nesse sentido, Alexandre traz uma perspectiva da comunicação como a troca de vivências, sendo transmitida midiaticamente em busca de democratizar o acesso à informação e contribuir positivamente para mudanças sociais. Em se tratando dos efeitos da informação no imaginário social, entender o processo da linguagem na transformação de mentalidades e comportamentos é essencial. A partir do exposto, esta pesquisa partirá para a investigação desses processos quando associados à temática proposta: a inclusão de pessoas com deficiência cognitiva (PCDs).

Apesar das mudanças de imaginário acerca das deficiências terem se transformado ao longo dos últimos anos, dando maior destaque não somente às pautas sobre deficiências cognitivas, mas também para diversas interseccionalidades presentes na busca pela diversidade, acessibilidade e inclusão, o assunto ainda não é devidamente retratado por muitos veículos de comunicação, assim como o uso de alguns termos ainda se faz presente nos diálogos cotidianos, como veremos mais adiante.

Esse papel transformador, contudo, não pode e não é considerado nesta pesquisa uma responsabilidade exclusiva dos veículos jornalísticos — ele perpassa também pela educação formal, pela conscientização de diferentes classes sociais, pela adequação da indústria do entretenimento, dentre tantos outros agentes da comunicação. Entretanto, para a discussão em voga, e considerando os conhecimentos adquiridos ao longo da graduação, o objetivo central do produto será direcionado ao Jornalismo enquanto campo de pesquisa.

Nesse sentido, a análise sobre a relação entre jornalismo e cidadania foi realizada para sustentar o discurso de que a transformação em prol de uma sociedade mais inclusiva, respeitosa e que tem como foco a equidade de oportunidades para todas as pessoas, transita pela ação dos detentores do poder de propagação informacional, ou seja, ou meios de comunicação de massa.

Dessa forma, a pesquisa busca, para além de questionar o fazer jornalístico e as escolhas narrativas para as quais dá destaque, viabilizar um espaço humanizado de compartilhamento de experiências e informações, na tentativa de conscientizar e sensibilizar a todos que acessarem o conteúdo produzido, contribuindo, ainda que



de forma sutil, para a inclusão social e a desmistificação de alguns estereótipos sobre as deficiências do âmbito cognitivo.

## **2.1 A inclusão de pessoas com deficiência e o contextos dessas lutas no Brasil**

Antes de nos aprofundarmos nas pesquisas sobre o jornalismo e o seu papel na transformação de imaginários, é preciso entender as políticas de inclusão vigentes no país e, principalmente, trazer esse cenário para o eixo das deficiências cognitivas — que são foco da presente pesquisa.

Segundo censo experimental realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2019, aproximadamente 25% da população brasileira havia sido diagnosticada com algum tipo de deficiência, o que representa cerca de 45 milhões de pessoas. Dessas, conforme dados do IBGE coletados em 2010, quase 2 milhões possuem alguma deficiência intelectual ou atraso cognitivo.

A Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (LBI), aprovada em 2015, entrou em vigor apenas em 2016. A Lei 13.146/2015, também conhecida como Estatuto da Pessoa com Deficiência, reitera a igualdade desses cidadãos perante o restante da sociedade, bem como suas capacidades de manifestação das suas liberdades fundamentais. Além disso, ela prevê e assegura direitos específicos para a promoção da diversidade e inclusão, conforme informado em seu artigo 1º:

Art. 1º É instituída a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania. (BRASIL. Lei 13.146, de 6 de julho de 2015.)

Em suas 31 páginas, o Estatuto trata de questões como acessibilidade, direitos civis e o direito à saúde, educação, trabalho, moradia, acesso à informação, participação política e autonomia sobre seus corpos.

A Lei foi um grande avanço para os 45 milhões de brasileiros que possuem alguma condição entendida como deficiência, seja física, sensorial (auditiva ou

visual) ou cognitiva. Isso porque busca garantir a equidade de tratamento e direitos, incentivando políticas de acessibilidade e inclusão, o que, para além de assegurar condições básicas de cidadania para PCDs, ofereceu subsídios para organizações e grupos de apoio a essas pessoas.

No Brasil, instituições como a Associação de Assistência à Criança Deficiente (AACD), a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), a Casa de David e a Ação Social para Igualdade das Diferenças (ASID) são exemplos de organizações sem fins lucrativos para o amparo de pessoas com diferentes tipos de deficiência e suas famílias.

Contudo, essas associações ainda enfrentam dificuldades quanto a orçamento e parcerias, principalmente. Mais do que isso, a Mariana Oliveira, da equipe responsável por gerenciar projetos da Ação Social pela Igualdade das Diferenças (ASID), afirma em entrevista que um grande empecilho é conciliar as demandas dos beneficiários(as) com as demandas e expectativas das empresas que dão suporte à causa. Afinal, muitas vezes, para as grandes corporações, a visibilidade midiática pode vir a ser mais importante do que o real impacto causado.

Além disso, Mariana explica que a ideia de inclusão por si só é um ponto criterioso. Embora muitas pessoas e instituições desejem auxiliar nos projetos e iniciativas de diversidade e inclusão, não se atentam para a situação vivenciada por aquelas pessoas, como o baixo grau de instrução de muitas delas, as necessidades específicas para a realização de algumas tarefas, as nuances socioeconômicas de suas famílias, suas expectativas para o futuro e até mesmo as implicações da pandemia da Covid-19 para a saúde física, psicológica e emocional dessas pessoas.

Nesse contexto, a comunicação e os meios de informação têm papel fundamental na divulgação de ações e na busca pela conscientização de, ao menos, certa parcela da sociedade. Afinal, o jornalismo não é apenas a representação de fatos, mas também a busca de construção social da realidade, como defende Marroquim (2010).

Em se tratando do papel social atribuído a e desempenhado pela mídia, bem como pelo potencial de disseminação de imaginários, é preciso refletir sobre como, muitas vezes, os veículos de informação optam por estruturas narrativas e escolhas de linguagem que reforçam determinados estereótipos e preconceitos, repercutindo um senso comum que pouco preza pela diversidade, respeito e inclusão.

Nessa perspectiva, para Kelly (2009 apud MACHADO, 2012, p. 3), “grupos marginalizados são frequentemente representados de forma estereotipada na mídia, que, muitas vezes, reproduz representações com as quais a sociedade esteja familiarizada e evita propor mudanças”. Esse ponto reforça a importância de utilizar a informação e os media a favor das transformações sociais e das políticas de inclusão, reafirmando o papel do jornalismo em romper com os estereótipos disseminados e tencionar novas discussões.

### 2.1.1 Um breve resumo sobre deficiências intelectuais

TÉDDE (2012, p. 20), respaldada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e a Classificação Internacional de Deficiências, Incapacidades e Desvantagens (CIDID), traz o conceito de deficiência como “alguma restrição ou falta de habilidade (resultante do prejuízo) para realizar uma atividade dentro dos padrões de alcance dos seres humanos”. O prejuízo, por sua vez, é entendido como “alguma diminuição ou anormalidade da estrutura ou das funções anatômicas, físicas ou psicológicas.”

Assim, o conceito de deficiência intelectual está atrelado à manifestação de déficits cognitivos simultaneamente ao funcionamento adaptativo, antes dos 18 anos de idade, em pelo menos duas das seguintes áreas: comunicação, cuidados pessoais, vida doméstica, habilidades sociais/interpessoais, uso de recursos comunitários, independência, habilidades acadêmicas, trabalho, lazer, saúde e segurança (TÉDDE, 2012).

Dessa forma, as deficiências intelectuais, ou atrasos cognitivos, podem ser entendidas como a dificuldade da manutenção do raciocínio lógico associada ao prejuízo de suas funções, que apresenta como consequência a redução de determinadas habilidades essenciais para o convívio em sociedade e sua autonomia.

A jornalista e pesquisadora Sônia Pessoa afirma que

Quando nos referimos ao modelo social de deficiência reconhecemos que se trata de um conjunto de fatores biológicos, psicológicos e sociais, que circulam com suas singularidades e também com suas características em comum, em movimentos nem sempre previsíveis ou identificáveis, que negociam entre si e até se permitem determinados ajustes, mas estão distantes de uma relação

equilibrada. Pelo contrário, estão, de novo, em tensão. (PESSOA, 2018, p. 39)

Essa definição suscita novas perspectivas e indagações sobre a deficiência e os imaginários a ela atribuídos. Afinal, como afirma a pesquisadora, o modelo social de deficiência entende as condições específicas de cada uma delas como pertencentes a mais de um espectro: são fatores do corpo, ou seja, biológicos, mas também da mente, das emoções e das relações humanas, leia-se aspectos psicológicos e sociais.

Além disso, mas também em função disso, os quadros clínicos atrelados às deficiências cognitivas estão comumente associados a sintomas psicológicos, emocionais, comunicacionais e de aprendizagem, como na Síndrome de Down e no Transtorno do Espectro Autista.

### **Síndrome de Down**

O Instituto Neuro Saber define a Síndrome de Down como uma desordem genética ocasionada pela duplicação do cromossomo 21 no DNA dos indivíduos. Pessoas com essa síndrome tendem a apresentar distúrbios de aprendizagem em diferentes graus, além de deficiência intelectual em algum nível.

As características físicas predominantes envolvem uma leve inclinação no formato dos olhos, rosto arredondado e baixa estatura. Entretanto, conforme o grau da deficiência, outros aspectos podem ser percebidos. Esse é o caso do meu vizinho, Henrique, que possui um atraso significativo em seu desenvolvimento e, já com mais de 20 anos de idade, usa cadeira de rodas, pois não aprendeu a andar, e não sabe se comunicar pela fala, emitindo apenas sons.

### **Transtorno do Espectro Autista**

O “Transtorno do Espectro Autista (TEA) define-se por prejuízos persistentes na comunicação e interação social, bem como nos comportamentos que podem incluir os interesses e os padrões de atividades, sintomas estes presentes desde a infância que limitam ou prejudicam o funcionamento diário do indivíduo.” (ONZI; GOMES, 2015, p. 1). Nesse sentido, indivíduos com TEA apresentam distúrbios comunicacionais, emocionais e cognitivos, experimentando desde uma visão

reclusa da realidade, até comportamentos repetitivos e padrões para a execução de atividades cotidianas.

Por isso, o autismo é entendido como “um transtorno complexo do desenvolvimento, do ponto de vista comportamental, com diferentes etiologias que se manifesta em graus de gravidade variados” (GADIA, 2006 apud ONZI; GOMES, 2015, p. 2). Essa condição pode se manifestar em três níveis, que definem o quanto de apoio o indivíduo necessita para executar tarefas básicas, como se alimentar e interagir socialmente.

## **2.2 A comunicação na transformação de imaginários**

A comunicação, desde as primeiras manifestações nas pinturas rupestres e os primeiros traços de oralidade, tem como objetivo informar e alertar sobre a realidade ao redor, além de passar conhecimentos e tradições através dos tempos. Na atualidade, seja pela arte, seja pela produção jornalística, o ato de se expressar é motivado pelos acontecimentos do cotidiano, pelas manifestações culturais e pelos imaginários sociais construídos com base nas realidades experimentadas.

Nesse sentido, Michel (2015) observa que o “jornalismo transforma a realidade apreensível em relato, tornando-se peça fundamental no registro de acontecimentos e isso lhe confere função histórica na sociedade.” Dessa forma, é possível depreender que a maneira como os media atuam e as escolhas quanto a tratativa de variados assuntos influenciam e são influenciadas pelo contexto histórico e social em que se desenvolvem, sendo reflexo dos padrões sociais vigentes e veículo de disseminação de comportamentos e ideais para o futuro.

Assim, para Traquina (1999 apud MICHEL, 2015, p. 2), “o jornalismo é entendido como uma prática social, que estabelece relações com o mundo material e com o mundo simbólico dos indivíduos, que acontecem enquanto história e linguagem.” Em se tratando dos imaginários existentes, a partir da definição proposta por Traquina, entende-se que o jornalismo e, portanto, a comunicação, estabelece conexões entre o factual e seus desdobramentos na sociedade,

valendo-se da linguagem e da construção histórico-social para repercutir temáticas de interesse público.

Ao traçar um paralelo entre a noção proposta por Lippmann (1922 apud TRAQUINA, 2005) de que os meios de comunicação são a principal ligação entre o que acontece no mundo e as percepções que as pessoas têm sobre esses acontecimentos, com a ideia proposta por Stuart Hall (1984 apud TRAQUINA, 2005) de que o jornalismo é, para além do relato, uma construção social, temos o fazer jornalístico como fruto não somente do cotidiano, mas também das percepções individuais de quem observa os fatos e da sociedade e valores nos quais está inserido.

Consequentemente, para que a comunicação possa exercer papel transformador no âmbito social, é preciso que indivíduos, primeiro, questionem os padrões latentes no meio em que vivem e busquem, a partir dessas inquietações, manifestar alternativas para uma sociedade mais respeitosa, diversa e inclusiva em vários sentidos. Concomitantemente, para que esses indivíduos atinjam uma maior número de leitores, é essencial que os media se apropriem dessas inquietações e proponham a mudança em sua própria existência. Ou seja, é uma relação cíclica em que comunidade e jornalismo se retroalimentam na busca pela transformação de imaginários e preconceitos.

Em se tratando da relação estabelecida entre veículos midiáticos e população, a partir da definição trazida por Alexandre (2001) um entendimento possível sobre o papel da comunicação e dos jornalisimos na mudança social é o de que, ao abordar determinado tema sob um enquadramento específico, os recortes selecionados e repercutidos de forma massiva se tornam patrimônio comum, presente, ainda que de forma subjetiva, no imaginário de um grupo.

Dessa forma, as escolhas narrativas têm grande carga de responsabilidade em relação aos padrões sociais disseminados. Um exemplo é que, anos atrás, a deficiência era entendida como doença e, assim como a sociedade rejeitava essas pessoas, o jornalismo as marginalizava. Nos últimos tempos, esse cenário vem se transformando e, pouco a pouco, novos discursos sobre inclusão e acessibilidade surgem.

### 2.2.1 O papel do jornalismo na promoção da cidadania, acessibilidade e inclusão

Sob a perspectiva da representação social, Marcos Alexandre (2001) argumenta que a comunicação é o meio pelo qual uma pessoa influencia outra, que, por sua vez, fará o mesmo em relação à primeira. Nesse sentido, o estudioso lembra que:

No percurso da transformação do fenômeno social neste final de século, os meios de comunicação de massa se tornam instrumentos fundamentais na produção da nova coesão social, exatamente porque lidam com a fabricação, reprodução e disseminação de representações sociais que fundamentam a própria compreensão que os grupos sociais têm de si mesmos e dos outros, isto é, a visão social e auto-imagem. (ALEXANDRE, 2001, p. 116)

A partir da percepção dos meios de comunicação de massa (MCM) como instrumentos base da construção de uma nova coesão social e da disseminação de representações, o jornalismo tem papel primordial na reestruturação dos imaginários acerca das pessoas com deficiência, promovendo uma transformação na visão da sociedade em relação a elas, mas, também, delas em relação a si mesmas e aos seus potenciais.

Por isso, o fazer jornalístico se adapta ao contexto em que é realizado e tem como função questionar paradigmas e conceitos já existentes em prol do bem comum. Isto é, em se tratando do tema da presente pesquisa, desempenha papel significativo na promoção da cidadania, acessibilidade e inclusão.

Fávero (2004 apud OLIVEIRA; BRAVA, 2013, p. 24) explica que “ao longo de anos a humanidade vem se movimentando para uma melhor inserção das pessoas com deficiência na sociedade. Um dos motivos é que a deficiência, seja ela física, mental ou sensorial, não pode ser confundida com incapacidade”. Nesse sentido, Barbalho e Paiva (2005 apud OLIVEIRA, BRAVA, 2013, p. 2) “concluem que a cidadania para as minorias inicia-se pelo acesso democrático aos meios de comunicação”. Nesse aspecto, a LBI desempenha papel fundamental na promoção à cidadania ao garantir o acesso democrático à informação para PCDs.

Contudo, para o pleno exercício da cidadania, a acessibilidade deve estar presente em todos os nichos de convivência. Se tratando das deficiências que afetam o âmbito cognitivo, a inclusão se faz presente, principalmente, nas estratégias de ensino, na adaptação do ritmo de trabalho e na garantia da

segurança física, psicológica e emocional dessas pessoas, tanto no ambiente familiar, quanto na convivência em grupo.

Para isso, os meios de comunicação devem atuar como agente de conscientização e de representatividade dessas minorias, seja na própria prática jornalística, seja nas representações artísticas e de entretenimento.

Outro aspecto importante sobre o fazer jornalístico é a necessidade de entender a sensibilidade dessas pautas e as melhores formas de abordá-las, garantindo não somente um recorte promotor da conscientização, mas também um contato adequado com essas fontes.

Um exemplo da mudança de mentalidade do jornalismo brasileiro em relação a PCDs foi a oficina realizada pela Associação Bahiana de Imprensa (ABI), em 2019, que ensinava como abordar a pessoa com deficiência na pauta jornalística, elucidando as terminologias apropriadas, a importância de ter a pessoa como foco, construindo uma abordagem social, e como deve ser o tratamento para com essa pessoa durante as entrevistas e primeiros contatos. A iniciativa, que pode parecer simples, foi um passo importante na promoção da diversidade e da inclusão.

### 2.2.2 As abordagens jornalísticas sobre PCDs

Como vimos, o jornalismo é moldado pela sociedade, sendo parte importante do seu processo de formação e difusão de valores. Por isso, é primordial analisar como algumas abordagens jornalísticas recentes tratam o assunto “deficiência”.

Aos poucos, o tema vem ganhando destaque na mídia e muitas ações em prol da visibilidade e representatividade vêm ganhando espaço em veículos importantes. Um exemplo é o da Revista Exame, que tem uma categoria em seu site destinada a matérias voltadas para o público PCD, para divulgação de vagas, mas também para visibilizar o potencial dessas pessoas para além de sua(s) deficiência(s).

A página, disponível em <https://exame.com/noticias-sobre/pessoas-com-deficiencia/>, traz conteúdos sobre diversos segmentos, como “carreira”, “ciência” e “negócios”. Nas manchetes, são utilizados termos adequados para se referir a PCDs e, em linhas gerais, as palavras escolhidas pela revista para o título de algumas matérias trazem indícios de uma tentativa de conscientização.



Por outro lado, portais como o G1, da Globo, e o jornal Estado de Minas ainda cometem equívocos ao referenciar esse grupo, trazendo possível viés pejorativo. Em 2019, a repórter Caroline Delgado assinou a matéria “Deficientes físicos reclamam da falta de acessibilidade em Juiz de Fora”, publicada no G1. Embora a temática destaque questões importantes de acessibilidade, opções narrativas podem ser avaliadas.

Ainda que o termo ‘deficiente’ por si só não gere uma percepção negativa, ao ser repetido não somente na manchete, mas também em diversos locais do texto, quando poderia ser utilizado “pessoa com deficiência” ou “PCD”, por exemplo, acaba adquirindo novos sentidos, que reforçam um estereótipo e restringem o grupo à sua condição física.

Outro exemplo de uma abordagem equivocada ocorreu na divulgação da matéria do Estado de Minas sobre a discussão entre as atletas Andrea Pontes, da canoagem, e Bárbara Micheline, goleira da Seleção Brasileira Feminina de Futebol, durante os Jogos Olímpicos de Tóquio 2021. A chamada publicada na página oficial do jornal no Instagram, no dia 29 de julho de 2021, trazia a frase: “Você viu? Bárbara discute com paratleta: ‘Porque é deficiente pode falar o que quer?’”.

A escolha textual restringe, de certa forma, a atleta Andrea Pontes a sua deficiência física, podendo ser uma escolha mais apropriada a mudança para “Bárbara discute com canoista” ou “Bárbara discute com Andrea Pontes”. Além disso, a própria inserção da fala da goleira é algo interessante de ser repensado, pois dá destaque a uma manifestação preconceituosa e que pode ocasionar diferentes reações no contexto online.

### **2.3 A reportagem e os formatos de produção multimídia**

Com o passar dos anos e o avanço das tecnologias, o surgimento de novos modelos comunicacionais impactou a forma como as pessoas se relacionam – não somente entre si, mas também com o ambiente que as cercam, no consumo de informações, no entretenimento e até mesmo no trabalho. Em decorrência dessas

mudanças comportamentais e sociais, essa transformação contínua contribui também para que novos jornalismo sejam construídos.

Afinal, se outrora o fazer jornalístico se atinha ao modelo impresso, com matérias objetivas escritas em letras miúdas, hoje observa-se uma mudança estrutural mais profunda. No formato escrito, seja impresso ou online, há uma maior preocupação estética (MARTINO, 2016), prezando pela diagramação, hierarquia de informações e formatos mais robustos, por exemplo. Mas, mais do que o texto escrito, na atualidade, a variedade de linguagens é, para muitos, uma marca de um bom jornalismo.

Contudo, a transformação dos modelos midiáticos foi um processo de décadas e que segue sendo aprimorado diariamente. Essa midiamorfose, conceito trazido por Fidler (1996), observa que os códigos comunicacionais se adequam às inovações digitais e às transformações sociais. Isso porque, segundo o estudioso,

O nascimento de um novo meio de comunicação causa uma espécie de terremoto no ambiente midiático. Durante esse abalo, os meios tradicionais passam por uma metamorfose para se adaptar à nova realidade. Assim, depois do terremoto e das falsas profecias de que os velhos meios desaparecerão, o meio novo, que a princípio simplesmente reproduzia o que se fazia nos meios tradicionais, encontraria sua própria linguagem, ou seja, o seu código comunicacional. (FIDLER, 1996 apud ALVES, 2006, p. 94)

Essa percepção é evidenciada pela mescla de formatos multimídia trabalhados pelos meios de comunicação atuais, que adaptam a mensagem de acordo com as peculiaridades de cada um deles: textual, sonoro e audiovisual, impresso, rádio, televisão e online. Assim, as produções multimídia configuram o que hoje é chamado de jornalismo 2.0, conceito trazido por Mark Briggs no início dos anos 2000. Esse novo jornalismo oportuniza espaços em que o online é explorado como fonte de informações, indo além dos modelos tradicionais de comunicação.

Associado às novas propostas comunicacionais, o avanço das plataformas digitais propiciou também a criação de novos campos de estudo, que observam o comportamento humano nas redes e avaliam como otimizar resultados e alcance. É dessa análise que surgiram conceitos como People Analytics, em que dados pessoais são analisados de forma a direcionar conteúdos e traçar modelos preditivos, e User Experience (UX), ou experiência do usuário, em que o

entendimento do público e das boas práticas perante os algoritmos de ranqueamento no Google e de alcance nas mídias sociais indicam melhores formas de se comunicar.

A base para esse entendimento, porém, revela um novo foco: o usuário. No espaço online, os veículos e páginas que não priorizarem a análise de dados e a experiência dos usuários, perderão alcance, fazendo com que suas matérias sejam vistas por um menor número de leitores e, inclusive, perdendo sua confiabilidade. Por isso, devem ir além da apuração jornalística e da produção de notícias sólidas.

Como consequência, o online pode ser visto como um oceano azul de oportunidades (KIM; MAUBORGNE, 2005), em que os veículos já não devem competir entre si, mas sim otimizar seus processos e revolucionar resultados a partir do acompanhamento contínuo dos dados e da busca por novos mercados e pela inovação. Todavia, esse ambiente também suscita novos desafios, como o grande fluxo informacional, as rápidas mudanças e a propagação de *fake news*.

No presente estudo, a escolha pela realização de uma reportagem digital se deu em função das oportunidades oferecidas, que perpassam desde o acesso à informação amplificado pelo online, até as diferentes possibilidades de formatos a serem trabalhados. Mas, mais do que isso, o digital permite testar e aperfeiçoar formas de acessibilidade, unindo texto, áudio, vídeo e imagem em um mesmo ambiente online.

### 2.3.1 A produção hipermídia e o jornalismo online

As produções multimídia e a expansão do uso de tecnologias e ferramentas digitais em variados contextos influenciam direta e indiretamente na maneira como o jornalismo se dá na sociedade. Concomitantemente, novos jornalismo surgem pautados nos processos de ressignificação da informação e na construção de novos imaginários.

Essa transformação midiática perpassa conceitos como narrativa hipermídia e transmídia, apontados por Jenkins (2009) em seus estudos sobre convergência O pesquisador parte de três pilares para compreender as mudanças na produção dos media: a convergência dos meios de comunicação, a cultura participativa e a inteligência coletiva.

A fim de elucidar essa convergência e seus impactos na comunicação e no jornalismo, Jenkins (2009) toma como ponto de partida a importância conferida à narrativa de cada pessoa, o bombardeio de informações, as estratégias corporativas e as diferentes plataformas, formatos e aparelhos – considerando, sobretudo, seu efeito no imaginário coletivo.

É neste momento em que percebemos a atuação cada vez mais ativa e frequente da população no fazer jornalístico, bem como seu desejo por interatividade e por fazer parte do universo online em suas variadas plataformas e recursos.

Todavia, Palácios (2003 apud VELHO, 2007) destaca que o jornalismo online traz novidades, mas também evidencia aspectos já observados no impresso e no telejornalismo. Para o pesquisador, a web permite a convergência de outras mídias e do hipertexto, trazendo mais interatividade e instantaneidade ao conteúdo. Ademais, observa que a memória e o fácil acesso são os principais diferenciais do webjornalismo.

Nesse contexto, Palácios (2003 apud VELHO, 2007) observa que a união do hipertexto com as produções multimídia potencializa as narrativas hipermídia, que têm dinâmica e identidade únicas. Assim, a partir da convergência entre diferentes formatos de produção multimídia e da correlação e direcionamento entre variados conteúdos com o uso de hipertextos e linkagem interna, configura-se o jornalismo hipermídia.

As produções hipermídia permitem mais do que a realização de um fazer jornalístico online sólido e atrativo. Ademais, esse novo formato possibilita uma contribuição ainda mais ativa do público leitor, que passa a interagir com a notícia e, por vezes, é parte de sua construção através do envio de relatos e imagens. Afinal, conforme ressalta Anderson (2006 apud SCHMITT, FIALHO, 2007, p.2) a internet oportunizou que a população de uma maneira geral se tornasse produtora de conteúdos, sendo “a prova mais concreta do efeito revolucionário que a Cauda Longa é capaz de exercer sobre as indústrias tradicionais.”

Com o crescimento das narrativas hipermídia, teorias como a da Cauda Longa e a produção de um jornalismo long-form ficam ainda mais próximas do exercício diário da profissão. A Teoria da Cauda Longa baseia-se em um conceito da Estatística, mas que foi ressignificado pelo jornalista Chris Anderson (2006),

trazendo uma nova perspectiva sobre o jornalismo na web e a lógica de criação de conteúdo.

Outro ponto de destaque é que a junção das diferentes maneiras de produção informativa e da construção de um jornalismo hipermídia colaborou para a consolidação do jornalismo long-form, em que a mescla de diferentes mídias, a elaboração de narrativas longas e de reportagens de fôlego são marcas de uma produção de qualidade. Um exemplo trazido por Raquel Longhi (2015) é como a grande reportagem “The long strange trip of Dock Ellis”, produzida pela ESPN, marcou o jornalismo da época, propondo um texto extenso e robusto, o uso de diversos recursos gráficos, aspas, vídeos e fotografias.

Longhi defende, então, a ideia do long-form como o turning point, ou ponto de virada, da produção jornalística:

Com a narrativa jornalística long-form, surge um ponto de virada em relação aos produtos na forma de especiais multimídia que dominaram até então, nos quais o texto, geralmente longo, era tratado e disponibilizado na forma de fragmentos, divididos nas diversas seções dos produtos. (LONGHI, 2015, p. 912)

Em decorrência das transformações midiáticas e das novas propostas para o consumo de informação, as reportagens digitais vêm ganhando ainda mais espaço nos portais de comunicação, mas também em revistas e jornais impressos. Afinal, às vezes, o leitor prioriza um conteúdo completo e interativo em detrimento de matérias muito objetivas, que abordam poucos desdobramentos do ocorrido.

Contudo, é importante ressaltar que o jornalismo objetivo tem também sua importância, principalmente na era da instantaneidade. Nesse contexto, se faz necessário para chamadas em redes sociais e em coberturas ao vivo em que há ainda poucas informações sobre o fato, por exemplo. Afinal, o leitor que chega até a matéria no site possivelmente está em busca de relatos completos, com informações para além do que recebeu em mídias como Facebook e Twitter.

### 3. O FORMATO DE DIVULGAÇÃO E OS PROCESSOS PRODUTIVOS

Para o presente trabalho de conclusão de curso foi escolhida a realização de um produto jornalístico em formato de reportagem digital, ancorada a um site online criado para este fim. A decisão pelo formato se deu em função da praticidade oferecida pelo digital, uma vez que suporta a utilização de diferentes mídias, tais como texto, fotografia e vídeo, e pode ser veiculado (e acessado) independentemente da localização física da pessoa interessada.

Ademais, a opção por realizar um produto jornalístico se deu por dois motivos principais. O primeiro, o desejo por colocar em prática os conhecimentos adquiridos ao longo da graduação, explorando diferentes vertentes da comunicação. O segundo, pois acredito que a realização de um produto poderia impactar um número maior de pessoas, devido à facilidade de acesso e entendimento.

Contudo, a reportagem digital não havia sido a primeira escolha para este TCC: em um primeiro momento, o interesse estava na realização de um livro e, posteriormente, de uma grande reportagem. Entretanto, com o amadurecimento do projeto, entendeu-se que a opção por uma reportagem digital seria a melhor maneira de transmitir a mensagem desejada e dar o protagonismo necessário às fontes. Além disso, seria o formato em que teria maior flexibilidade para utilizar diferentes recursos, adequando às necessidades de cada fonte e, até mesmo, da minha rotina.

Ao longo da produção precisei, portanto, organizar meu tempo, junto à professora Agnes Mariano, orientadora deste projeto, para contemplar a execução do memorial, do site e dos materiais sobre cada uma das três fontes principais: Amanda Gambogi, Clara Liz e Lucas Castro. Bem como a realização de entrevista com especialistas, como a médica psiquiatra Daniela Alves, ou a líder de projetos da ASID, Mariana Oliveira, que é referenciada neste memorial.

### 3.1 A construção do produto

A construção deste produto foi, talvez, um dos desafios mais gratificantes que vivenciei. Agora, cada vez mais perto de uma versão final, percebo o quanto essa trajetória foi longa, mas edificante, e irá, na medida do possível, refletir o que meus anos de UFOP representaram na minha vida.

Todavia, realizar um Trabalho de Conclusão de Curso nunca é fácil e acredito ter criado para mim desafios maiores que o necessário. Em 2021, ainda com aulas remotas como medida de prevenção à Covid-19, optei por dar um passo à frente e adiantar as disciplinas relacionadas ao TCC. E, embora tenha precisado de um período a mais, encerrando essa jornada tal qual era previsto inicialmente, vejo que foi uma decisão acertada, que me proporcionou mais tempo e oportunidades para conduzir o projeto.

Em um primeiro momento, conciliava esta produção com a realização da disciplina de Laboratório Integrado II (Revista Curinga), estágio, presidência da Verbalize Jr., vice-presidência da Atlética Primaz, bolsista de iniciação científica e alguém que investia em diversos cursos paralelos nas poucas horas vagas.

Já em uma segunda realidade, que é a que vivo hoje, não me sinto tão conectada à Universidade. Já não faço parte de projetos, não tenho mais disciplinas e sequer retornei à Mariana. Pelo contrário, iniciei um novo caminho da minha trajetória: me estabeleci em Belo Horizonte e fui contratada pela empresa em que fiz estágio, precisando concentrar todas as atividades do projeto (e da minha vida) após o horário comercial.

Menciono esses dois momentos não porque acredito serem o foco da minha jornada, mas sim por entender o impacto deles naquilo que vinha sendo construído. Confesso, não consegui dedicar a energia e criatividade que gostaria ter direcionado ao Acolhendo Olhares, mas me sinto satisfeita com o que consegui produzir.

Desde o princípio, o tema era algo certo para mim: me gera curiosidade, envolvimento, vontade de me expressar e também de ouvir. Mais do que isso, me permite levar para outras pessoas, ainda que poucas, uma temática tão fundamental e sob uma perspectiva pouco trabalhada. Aqui, o objetivo é dar escuta e criar oportunidades para que os jovens entrevistados pudessem contar como é ser uma

pessoa com deficiência cognitiva na nossa sociedade, suas realidades, anseios e, principalmente, como é seu olhar sobre si e sobre o mundo que os cerca.

O formato, contudo, precisou ser adaptado. Em um ímpeto de criatividade e desejo por realizar sonhos, me propus a escrever um livro, o que, logo na disciplina de Métodos, já começou a parecer um cenário distante. Desde lá, o projeto já estava sendo guiado, pouco a pouco, para ser uma grande reportagem — o que parecia uma alternativa mais razoável naquele momento.

Já na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso I, em conversas com a professora Agnes Mariano, percebemos que naquele contexto de pandemia e uma vida acadêmica agitada, talvez fosse mais viável pensar em outras possibilidades para que o Acolhendo Olhares, até então sem nome definido, pudesse se tornar uma realidade.

Foi então que a proposta de uma reportagem digital se consolidou. E, mesmo que eu não tenha conseguido mostrar todo o meu potencial em cada um desses aspectos, ela uniu algumas das atividades que mais tenho prazer em realizar e que fazem parte da minha rotina: produzir textos, trabalhar com peças gráficas, editar vídeos e organizar um site. Além do que é imprescindível a essa profissão, ou seja, o contato com pessoas de diferentes realidades e com as mais variadas perspectivas de mundo.

A partir das definições iniciais, ainda muito mutáveis, essa jornada teve início, tal qual ocorre na grande maioria das vezes, com a construção deste memorial. Sendo a parte mais teórica do projeto, por assim dizer, durante sua escrita tive a oportunidade de absorver conhecimentos produzidos por diferentes profissionais e pesquisadores do Jornalismo e da comunicação.

Nesse momento, pude encontrar paralelos e comparações entre os artigos estudados, as vivências da graduação, o que foi dito por algumas fontes e, até mesmo, pela experiência empírica como leitora de diferentes portais. Dessa forma, mais do que trazer um referencial teórico conceitual, acredito ter conseguido trazer também exemplos que aproximam quem lê este material da sua essência: a inquietação sobre como o mundo vê PCDs e como essas pessoas se vêem e enxergam também a sociedade.



Embora essa fase mais dedicada às pesquisas me gerasse certa ansiedade pelo momento da produção em si, foi essencial para o meu próprio entendimento sobre o projeto e quais fatores me guiaram ao lugar em que me encontro hoje. Poder falar sobre comunicação, mídias e pessoas é a minha verdadeira paixão — não por coincidência, se tornou meu ofício.

Além de estudar artigos e acompanhar diferentes referências bibliográficas, desde o início busquei dialogar com pessoas que poderiam me oferecer subsídios para guiar este projeto. E aqui agradeço principalmente à Mariana Oliveira, líder de projetos na Ação Social pela Igualdade das Diferenças (ASID), pelo apoio, contatos e entrevistas.

Simultaneamente às primeiras entregas deste memorial, passei a me dedicar também à produção da reportagem digital e os recursos necessários para isso. A primeira fonte contatada foi a Milena Castro, 42, mãe do Lucas, um jovem de 21 anos que recebeu o diagnóstico de Transtorno do Espectro do Autista (TEA) na infância. A Milena era supervisora na escola em que a Clara, minha irmã, estudou e, por isso, tive certa facilidade em conseguir seu telefone.

Provavelmente, os dois foram as fontes que mais favoreceram o processo produtivo. Isso porque, desde o primeiro momento, foram extremamente solícitos e disponíveis ao diálogo. Com poucos dias de conversa, marcamos um café e pude conhecer melhor a história da família, bem como entender as percepções do Lucas sobre si, seu futuro e sua rotina. Além disso, rapidamente me enviaram fotos e vídeos do acervo pessoal da Milena, contribuindo para que, naquela mesma semana, eu trabalhasse no perfil deles.

Esse perfil, assim como os demais, me permitiu explorar vertentes da escrita jornalística que eu ainda não conhecia. Utilizando trechos da entrevista e parafraseando as narrativas, criei um texto em primeira pessoa, em que quase conseguia ouvir o Lucas falando comigo. Além disso, em uma segunda ocasião, gravei um vídeo curto do Lucas, em que ele se apresenta e conta sobre sua rotina.

Em seguida, passei para a Andrea, uma pedagoga com um filho autista e uma filha com um atraso intelectual ainda sem diagnóstico. A história dessa família me despertou muita curiosidade e desejo por entender melhor quem é cada uma

dessas pessoas. Infelizmente, com mais de um mês de conversas, não conseguimos agendar a entrevista e acabei ficando sem resposta nas últimas tentativas de contato. Foi então que, confesso, me senti preocupada com o rumo do projeto.

Além disso, enquanto conversava com a Andrea, tentei contato com o Willyan, psicólogo especializado em TEA indicado pela Mariana Oliveira, da ASID. Da mesma forma, após mais de um mês de tentativas de diálogo, inclusive com reuniões agendadas e com ausência sem justificativa, optei por buscar novas oportunidades de entrevista.

Entretanto, com duas fontes sem retorno, me vi sem saída. E, mais uma vez, ter a orientação da Profa. Agnes Mariano foi fundamental para que eu encontrasse um equilíbrio em busca de novas alternativas. Foi nesse momento em que minha mãe, Nara Barbosa, me passou o contato da médica Daniela Alves, psiquiatra especializada em pediatria.

Com um roteiro de perguntas já estabelecido, entrei em contato com a Daniela, explicando o projeto e solicitando uma entrevista — que, por sorte, ela teve disponibilidade em conceder. Contudo, as primeiras conversas e chamada em vídeo foram pouco produtivas, uma vez que tinham como objetivo que eu explicasse cada uma das perguntas feitas. Por fim, após cerca de duas semanas, recebi as respostas por escrito. Os contatos posteriores, para alinhar os detalhes finais, não foram respondidos.

Enquanto buscava diálogo com a psiquiatra, me lembrei de uma menina reconhecida nas redes sociais por dividir sua rotina como pessoa autista, a Amanda Gambogi, 21. Então, entrei em contato com ela, expliquei o projeto e iniciamos as entrevistas. Nossas conversas, todavia, aconteciam pouco a pouco, de acordo com a disponibilidade dela. O mais interessante de sua história é que ela recebeu seu diagnóstico de TEA apenas com 18 anos, trazendo uma nova perspectiva sobre a condição.

Escrever o perfil da Amanda foi uma experiência enriquecedora: treinadora de aves, estudante de biologia e criadora de conteúdo, ela teve muito para contar

sobre si. Além disso, por já acompanhá-la nas mídias sociais, pude direcionar melhor a entrevista e, até mesmo, meu processo produtivo.

No Tik Tok, por exemplo, plataforma online para divulgação de vídeos, Amanda tem dezenas de materiais em que conta sobre sua rotina, desafios, diagnóstico, anseios e conquistas. Dessa forma, conhecer sua história e poder compartilhá-la na reportagem digital foi uma experiência diferente daquela vivenciada com a Clara e o Lucas.

Além disso, para a construção dos materiais sobre ambos (Clara e Lucas), tive a oportunidade de entrevistar seus familiares. Já para Amanda, o contato foi totalmente concentrado nela. Isso porque ela tem uma condição diferente do Lucas, por exemplo, ainda que tenham o mesmo diagnóstico, tendo mais autonomia para dialogar comigo. Afinal, existem diferentes graus de autismo, com diversas nuances e especificidades que variam para cada indivíduo — aspecto ressaltado ao comparar as trajetórias dos dois jovens.

Ademais, após ser solicitada uma conversa ou vídeo com um familiar ou amigo, Amanda contou que seus pais estavam viajando, e que é comum se ausentarem por longos períodos de tempo. Ela conta também que não tem muitas amizades com quem se sentiria confortável em realizar um pedido como esse. Assim, por uma escolha baseada em confiança e no volume de conteúdos sobre a jovem que já está disponível online, optei por não insistir no assunto — até mesmo considerando os prazos de construção do projeto.

Em meio a todas as produções, tive a oportunidade de trabalhar com a minha irmã Clara Liz, 19, em uma fotorreportagem. Diferentemente da Amanda e do Lucas, em que optei pelo texto, com ela quis ser o mais neutra possível, considerando nossa proximidade. Por isso, optei pela realização de um trabalho fotográfico em que ela pôde se expressar, evidenciando aspectos que despertam sua atenção pelos mais variados motivos. E, para garantir seu verdadeiro olhar sobre as fotografias, ela também me apoiou na produção das legendas.

Ademais, para mostrar quem é a Clara, o material contou com dois vídeos. O primeiro em que ela se apresenta e conta um pouco sobre si. O segundo em que nossa mãe, Nara Barbosa, 59, e nossa cunhada, Natália Machado, 34, concederam

entrevista, em que todas as perguntas tinham como foco o questionamento guia “quem é a Clara para você?”.

Todo esse processo produtivo, no entanto, não foi linear. A produção textual, edição dos vídeos, realização de colagens com as fotos, criação da identidade visual do projeto e organização estrutural do site foram acontecendo de forma simultânea, conforme recebimento de novos materiais e meus processos criativos. Do mesmo modo, a escolha pelo nome “Acolhendo Olhares” demandou tempo, *brainstorming*, mudanças e testes, sendo algo que perpassou toda a jornada produtiva.

Durante as produções, também trabalhei na edição do site, disponível no WordPress, e de cada um dos conteúdos que compõem essa reportagem digital dentro dele. Para tal, além da inserção e edição dos textos, foi necessário pensar nos aspectos relacionados ao layout e às imagens e vídeos utilizados, bem como à disponibilização da leitura dos textos em áudio, para torná-los mais acessíveis.

Para as imagens, que fiz upload na própria plataforma, foi preciso trabalhar o texto alternativo com a descrição de cada uma delas, além das legendas da fotorreportagem feita com a Clara. Já para os vídeos, foi necessário que fossem legendados na edição e, em seguida, disponibilizados em um canal no YouTube criado para o projeto. Isso porque, além de favorecer a acessibilidade de diferentes pessoas aos materiais, contribui para um melhor carregamento das páginas e uma performance bem avaliada pelos mecanismos de busca, pensando em boas práticas de SEO (aplicadas, inclusive, na escrita dos textos).

Agora, com alguns detalhes do site a serem ajustados, mas com toda a produção bem encaminhada, retornei à construção deste memorial. Já com outro foco, relatei todo o processo produtivo e a minha experiência durante a construção do projeto. Por fim, me dediquei à elaboração do resumo, dedicatória, conclusão e referências bibliográficas, além de revisões e ajustes de todos os materiais.

O último passo dessa trajetória foi a gravação e edição do áudio de cada um dos textos, como recurso de acessibilidade. Contudo, houve ainda um aspecto que gostaria de ter trabalhado no site: as legendas em LIBRAS para vídeos e textos. Mas, até o momento, não foi possível, sendo uma etapa que poderá ser concluída

após a defesa do projeto. Afinal, a acessibilidade deve estar presente em todos os espaços, mas principalmente ao falar sobre pessoas com deficiência, acredito que ela seja fundamental.

### **3.2 Realização do projeto editorial e gráfico**

Durante a construção do projeto editorial, usei três formatos textuais: reportagem inicial, para contextualizar o tema e apresentar as fontes, e direcionar (por meio de links) para uma entrevista pingue-pongue e três perfis, que incluem texto, fotos, vídeos e áudio. O objetivo foi dar destaque às histórias de vida, saberes, personalidades e interesses dos três jovens com deficiência entrevistados: Amanda Gambogi, Clara Liz e Lucas Castro.

A reportagem digital produzida como projeto de conclusão de curso foi estruturada em um site, demandando, assim, a criação de peças gráficas e de uma identidade visual coerente com a proposta. Para tal, me amparei em conhecimentos prévios adquiridos na graduação e enquanto membro da Empresa Júnior do curso, a Verbalize Jr., bem como no apoio de colegas especializados na área.

O primeiro passo foi a definição de uma paleta de cores, para a qual tive como critério maior a busca por tons pastéis, por serem mais suaves. Então, pensando na psicologia das cores, cheguei a três tonalidades: bege (#E1D4BD), azul claro (#BCCEE0) e lilás (#6F6D94), que, mais adiante, sofreram mudanças. Dessa forma, apenas o lilás foi utilizado, junto à cor branca.

Isso porque o lilás traz consigo uma proposta muito comum à causa: é usual que instituições de amparo à pessoas com deficiência utilizem o roxo mais forte e vivo em sua identidade para simbolizar a criatividade, os sentimentos e a inteligência, sendo um tom ligado a conceitos universais. Ademais, optei pela cor lilás por ser uma versão mais suave, mas que ainda assim remete à espiritualidade, transformação e purificação, criando uma atmosfera serena e intimista.

Para o logotipo, criado no Illustrator, testei três diferentes propostas: a primeira, com foco no olhar; a segunda com foco no acolhimento; e a terceira, não tão fiel ao título do projeto, teve como direcionamento o olhar para si, o reflexo e as

semelhanças. A última versão, que traz em seu centro um espelho, foi aquela em que mais percebi a identidade do site e suas subjetividades. Contudo, ainda podem ser realizados novos ajustes.

Já na criação do layout do site, optei por um dos temas já disponibilizados pelo WordPress, com caráter mais minimalista e dinâmico. Essa escolha se deu em função da linha estética escolhida para o projeto, em que a ênfase deve estar nas produções, não necessariamente no site que as subsidia. Além disso, para trazer maior apelo estético e contribuir para que os leitores se aproximassem de cada narrativa, foram utilizadas fotos, vídeos (editados no Adobe Premiere) e colagens.

Para elas, utilizei fotos enviadas pela Amanda, pela Clara e pelo Lucas, bem como recursos disponíveis em bancos de imagem gratuitos. Utilizando elementos que descrevem parte da personalidade de cada um deles, fiz uso do Photoshop e do Illustrator, ferramentas da Adobe, para a edição das imagens.

O resultado final do projeto gráfico foi um site que, ao meu ver, transmite acolhimento, gera conexão e facilita a navegabilidade e experiência dos usuários em função de sua simplicidade e interatividade.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de conclusão de curso foi, acima de tudo, uma oportunidade de me conectar com as pessoas e, a partir de seus olhares sobre a vida, transmitir a importância de enxergar o outro sem as lentes da diferença, percebendo suas potencialidades, características, anseios e dificuldades. Tudo isso em prol da construção de espaços mais diversos, acolhedores e inclusivos.

Por meio das referências teórico-conceituais e da observação empírica da atuação de alguns veículos de comunicação, foi possível identificar padrões no comportamento dos media e da sociedade, reafirmando a ideia de que eles se retroalimentam na criação e manutenção de imaginários sociais, bem como na sua reprodução no discurso popular.

Essa análise reafirmou as inquietações sobre os aspectos culturais e jornalísticos envolvidos na forma como a sociedade enxerga e trata as pessoas com deficiência ao longo do tempo. Afinal, o Acolhendo Olhares surgiu a partir do incômodo sobre como as pessoas veem a Clara e, principalmente, das poucas oportunidades que ela tem de se expressar.

Dessa forma, o projeto foi não apenas uma pesquisa em busca de novas reflexões ou de respostas, mas sim, um meio para propor parte da mudança que gostaria de ver na sociedade.

## 5. REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, Marcos. O papel da mídia na difusão das representações sociais. **Comum**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 17, p. 111-125, 2001.

**Associação Bahiana de Imprensa (ABI)**, Salvador. Disponível em: <https://abi-bahia.org.br/oficina-na-abi-ensina-como-abordar-a-pessoa-com-deficiencia-na-pa-uta-jornalistica/>. Acesso em: 25 jul. 2021.

ALVES, Calmon Rosental. Jornalismo digital: Dez anos de web... e a revolução continua. **Revista Comunicação e Sociedade**, São Bernardo do Campo, vol. 9-10, p. 93-102, 2006.

BRASIL. Lei 13.146, de 6 de julho de 2015. Dispõe sobre os direitos e deveres da pessoa com deficiência. Disponível em [https://drive.google.com/drive/u/2/folders/1LocEK\\_zmmdwdv2GeJYnfnt9nmza-d4eh](https://drive.google.com/drive/u/2/folders/1LocEK_zmmdwdv2GeJYnfnt9nmza-d4eh)

CORDENONSI, Ana Maria. MELO, José Marques de. Jornalismo interpretativo: os formatos nas revistas Veja e Época. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 13., 2008, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo, 2008.

DELGADO, Caroline. Deficientes físicos reclamam da falta de acessibilidade em Juiz de Fora. G1, Zona da Mata, 27 out. 2019. Disponível em <https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2019/10/27/deficientes-fisicos-reclamam-da-falta-de-acessibilidade-em-juiz-de-fora.ghtml>. Acesso em 6 ago. 2021.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional**: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente. 72. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

ESTADO DE MINAS. Você viu? Bárbara discute com paratleta: 'Porque é deficiente pode falar o que quer?'. Tóquio. 29 jun. 2021. Instagram: @estadodeminas. Disponível em [https://www.instagram.com/p/CR6GTY5M83N/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/p/CR6GTY5M83N/?utm_source=ig_web_copy_link). Acesso em 6 ago. 2021.

INSTITUTO NEURO SABER. Disponível em: <https://institutoneurosaber.com.br/quais-sao-os-tipos-de-deficiencia-intelectual/>. Acesso em 25 jul. 2021.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009. p. 27-36.

LONGHI, Raquel Ritter. O turning point da grande reportagem multimídia. **Revista FAMECOS (Online)**, v. 21, p. 897-917, 2015. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/18660>

MACHADO, Marcelo Pereira. Como “vêem” os cegos: uma análise sobre o universo sensorial na cegueira representado pelo Jornal Nacional. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 35., 2012, Fortaleza. **Anais [...]**. Fortaleza: UFJF, 2012.



MADEIRA, Nuno. Síndrome do Lobo Frontal: uma entidade única?. **Revista de Psiquiatria Consiliar e de Ligação**, 2011.

MARROQUIM, Rafael. Jornalismo e construção social da realidade: o despertar do acontecimento e a composição da notícia. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 33., 2010, Caxias do Sul. **Anais [...]**. Caxias do Sul: UFPE, 2010.

MARTINO, Luís Mauro Sá. Aproximações entre Estética e Comunicação: aberturas possíveis e diálogos entre os conceitos<sup>1</sup>. **Intexto**, Porto Alegre, UFRGS, n. 36, p. 14-29, 2016.

MAVEN. Disponível em:

<https://www.maven.com.br/blog/como-a-teoria-da-cauda-longa-impacta-a-producao-de-noticias/#:~:text=A%20teoria%20da%20cauda%20longa%20ou%20%E2%80%9Clong%20tail%E2%80%9D%2C%20em,obtidos%20por%2020%25%20das%20causas>. Acesso em 31 jan. 2022.

MICHEL, Jerusa de Oliveira. MICHEL, Margareth de Oliveira. O Jornalismo como memória – um estudo a partir do gênero reportagem “A Floresta das Parteiras”. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 38, 2015, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: UFPEL, UCPEL, 2015.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Censo Demográfico de 2020 e o mapeamento das pessoas com deficiência no Brasil**. Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas Coordenação Geral de Saúde da Pessoa com Deficiência, 2019.

Disponível em:

<https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/cpd/arquivos/cinthia-ministerio-da-saude>. Acesso em 19 ago. 2021.

OLIVEIRA, Rafael Morais de. BRAVA, Nivea Pimenta. Publicidade Inclusiva: Cidadania no Ato da Compra. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 36., 2013, Manaus. **Anais [...]**. Manaus: IESB, 2013.

ONZI, Franciele Zanella. GOMES, Roberta de Figueiredo. Transtorno do Espectro Autista: a importância do diagnóstico e reabilitação. **Caderno pedagógico**, Lajeado, v. 12, n. 3, p. 188-199, 2015.

PESSOA, Sônia. **Imaginários sociodiscursivos sobre a deficiência: experiências e partilhas**. 1.ed. Belo Horizonte: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2018.

RUBLECKI, Anelise. Teorias do Jornalismo: Questões Exploratórias em Tempos Pós-massivos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 33., 2010, Caxias do Sul. **Anais [...]**. Caxias do Sul: UFRGS, 2010.

SCHMITT, Valdenise. FIALHO, Francisco Antônio Pereira. A cauda longa e o jornalismo: como a Teoria da Cauda Longa se aplica no jornalismo. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**, 2007.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo vol. II: A tribo jornalística - uma comunidade interpretativa transnacional.** Florianópolis: Insular, 2005.

TÉDDE, Samantha. **Crianças com deficiência intelectual: a aprendizagem e a inclusão.** Americana: Centro Universitário Salesiano de São Paulo, 2012.

VELHO, Ana Paula Machado. **Jornalismo hipermídia: desenhando a notícia científica na web.** Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2007, p. 35-50.

## **ANEXO 1 - TEXTO INICIAL**

### **ACOLHENDO OLHARES**

Você já parou para pensar sobre como uma pessoa com deficiência se enxerga no mundo? Ao menos que você seja uma delas, imagino que a resposta seja não. Existem diversas razões possíveis para isso, muitas delas pautadas pela dificuldade em lidar com o diferente. Afinal, é preciso um exercício de empatia e respeito muito grande para compreender diversas experiências, necessidades e perspectivas que não fazem parte da nossa rotina pessoal. Mas isso precisa mudar.

Em nossa sociedade, vários grupos e pessoas são minimizados e têm suas necessidades e opiniões invisibilizadas todos os dias. Isso impacta a vida de pessoas pretas, da comunidade LGBTQIA + e com deficiência, por exemplo.

Aqui, vamos falar sobre pessoas com deficiência, mais especificamente aquelas que afetam as habilidades cognitivo-sociais. Mas, antes, é importante refletir: você acha justo que tantas pessoas sejam deixadas de lado em diversos espaços de convívio, como a escola, o trabalho e o lazer?

Essa inquietação, para mim, não surgiu pela simples observação externa. Tudo começou quando vi como o mundo olhava para a minha irmã, Clara, 19. Como as pessoas se referiam a ela e a tratavam. Mais do que isso, esses questionamentos se fortaleceram quando busquei entender como ela se via no mundo e se sentia em relação às demais pessoas.

Isso porque, mesmo após anos em busca de respostas, entre idas e vindas a diferentes especialistas, realização de diversos exames e uma experiência cotidiana um tanto quanto agitada, ainda não tivemos um diagnóstico plausível para a condição dela.

Em resumo, ela apresenta algumas dificuldades na assimilação das emoções e da memória, na percepção dos sentidos e no desenvolvimento das capacidades cognitivas. Esse conjunto de fatores colabora para que, mesmo no mais breve contato, os olhares em relação a ela já sejam novamente moldados sob uma ótica da diferença. E ela, percebendo isso, se fecha em sua mente, comprometendo seu bem-estar geral.



*Se quiser conhecer melhor a Clara e sua história, [clique aqui](#).*

O que sempre me inquietou, além dos estímulos e imaginários que levariam as pessoas de fora a terem determinadas reações, foi o que se passava na mente da minha irmã caçula. Ao que ela atribui esses olhares e falas? Como ela se vê e como determinadas interações impactam a sua autoimagem? Como ela percebe as pessoas que não pertencem ao nosso eixo familiar?

Foi por isso que, para conhecê-la, propus uma fotorreportagem, em que ela teve liberdade e autonomia para retratar a si e ao mundo da melhor forma. Dar a ela essa escuta me fez pensar sobre tantas pessoas que vivenciam situação semelhante.

Refleti também sobre situações em que a temática inclusão é mencionada. É comum que o primeiro pensamento das pessoas seja sobre acessibilidade arquitetônica ou programas de diversidade. No entanto, as ações devem ir muito além de projetar rampas. Mais do que isso, devem expandir nossa percepção sobre inclusão, sobre as pessoas com deficiência e o papel social de cada um.

No âmbito das deficiências que comprometem as capacidades cognitivas e interacionais, o ato de incluir está muito mais no respeito, na compreensão, na escuta e na oferta de oportunidades.

Por essa razão, me lembrei do Lucas, 21, filho da Milena, 45, uma pedagoga e amiga que fez a diferença na trajetória da Clara. O Lucas foi diagnosticado com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na infância e, desde então, a Milena fez de tudo para que o rapaz desenvolvesse sua independência e autonomia, superando as barreiras da exclusão.

É por esse motivo (e tantos outros) que o Lucas é um exemplo de felicidade, conexão humana e desenvoltura — com histórias e talentos que você não vai acreditar!

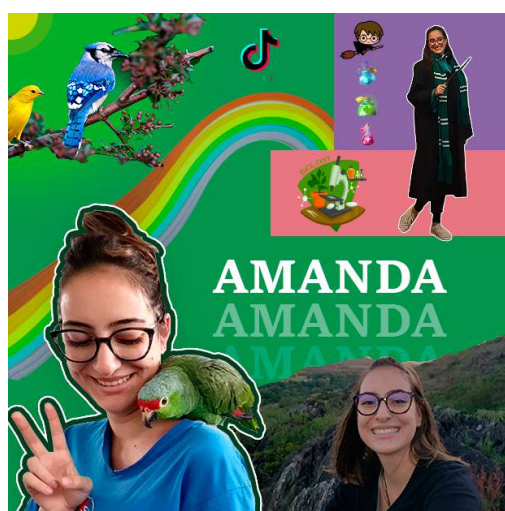


*Quer saber mais sobre as habilidades do Lucas? [Clique aqui!](#)*

O Lucas é apaixonado por música e pelo esporte, praticando corrida, futebol, bicicleta e skate. Mas não só isso: ele também lê muito sobre os times de futebol, aprende seus hinos e decora as próprias camisas com o nome dos jogadores.

E se por um lado o Lucas sabe tudo sobre futebol, por outro a Amanda, 20, poderia passar horas falando sobre diferentes espécies de aves. Acontece que ela também foi diagnosticada com TEA e seu hiperfoco veio junto com sua paixão por pássaros, sendo até mesmo fator de grande influência na escolha do seu curso de graduação.

A futura bióloga é também criadora de conteúdo digital e divide com milhares de pessoas sua trajetória e suas experiências enquanto pessoa autista.



*Se interessou em saber mais sobre a Amanda? [Clique aqui e saiba mais!](#)*

## ANEXO 2 - TEXTO SOBRE A AMANDA

### Amanda Gambogi: *tik toker*, mãe de pet e futura bióloga

Pode ser que você já tenha visto algum de seus vídeos rolando pela sua *for you* do Tik Tok. Ah, e se não estiver familiarizado com os termos, explico: *for you* é o feed em que aparecem os vídeos publicados por usuários da plataforma social Tik Tok, de acordo com seus interesses e padrões de consumo de conteúdo.

Treinadora de aves, estudante de Ciências Biológicas, mineira, criadora de conteúdo, leitora assídua, crítica de cinema nas horas vagas, autista. Essa é Amanda Gambogi, uma jovem de 20 anos de idade que coleciona *hobbies* um tanto quanto interessantes.

Mãe de pet, Amanda tem quatro aves, "sendo uma marianinha-da-cabeça-amarela (*Pionites leucogaster*), um papagaio-diadema (*Amazona autumnalis*) e dois periquitos australianos." — O amor é tanto que elas foram representadas até mesmo em uma tatuagem. Na sua rotina, faz questão de incluir momentos de cuidado e lazer dedicados a elas, inclusive com treinamentos de voo livre com seu papagaio, o Fred.

[Destaque] “Amo brincar com minhas aves. Meu papagaio faz voo livre, então adoro soltar ele e brincar junto ao ar livre.”



O mais interessante disso é que sua paixão pelas aves se fortaleceu ainda mais na pandemia da Covid-19, embora já existisse desde a infância: “Com a pandemia, acabei me hiperfocando em psitacídeos e adotei uma calopsita, que em seguida veio a falecer. Mas com ela descobri que queria trabalhar com esses bichos”.

A jovem também conta que possui vários outros passatempos para além das aves. Dentre eles, gravar vídeos para o Tik Tok, rede em que ela já acumula quase 50 mil seguidores. Lá, Amanda conta sobre seu diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA) aos 18 anos, sua rotina, questões que a instigam e imaginários sociais atrelados ao autismo. Tudo isso de forma leve, promovendo conscientização e entretenimento, ao passo em que se expressa e divide sua história com milhares de pessoas. Mas, sobre isso, vou deixar que ela explique melhor:

[Destaque] *“Eu descobri a possibilidade de ser autista através de vários vídeos do Tik Tok gringo. Por ser fluente em inglês e entender espanhol, consegui ter acesso à essa informação. Então, ao conseguir o diagnóstico, **me senti na missão de passar esse conhecimento para as pessoas** que nem sempre conseguem entender outros idiomas. Na maioria das vezes, é uma experiência positiva e de bastante troca de informações. Ainda não sei como reagir quando alguém me encontra e fala que é meu fã do tiktok.”*

Na plataforma de vídeos, é possível descobrir um pouco mais sobre ela, como sua relação com alguns aspectos da convivência. Dentre eles, a necessidade de interpretar ironia e expressões faciais, as mudanças na rotina e suas percepções ao frequentar lugares com muitas pessoas (e o cansaço gerado por isso).

Além das aves e do Tik Tok, Amanda também gosta muito de ler e assistir filmes. Ela, inclusive, é grande fã do universo Bádiu, saga de fantasia criada pela escritora Vanessa Godoy. Ela até mesmo já frequentou aulas de alquimia no Instituto Flame, em Araxá (MG):



Durante o tempo livre, Amanda gosta bastante de frequentar confeitarias e cafeterias para experimentar novos doces. Mas é preciso ficar de olho, pois tem intolerância alimentar a trigo, ovo e lactose. Ah, ela também não é fã da textura nem do sabor de geleias, muito menos de doces que tenham frutas ou queijo no meio.

O curioso é que sua alimentação foi, talvez, um dos principais gatilhos para iniciar sua jornada rumo ao diagnóstico de TEA, ainda que ela sempre tenha se sentido diferente. Em suas redes sociais, ela conta sobre sua experiência. Veja só:

<https://youtu.be/idU56NETDM8>

Ter essa resposta foi de suma importância para que Amanda tivesse mais qualidade de vida, direcionando tratamentos e encontrando explicações para alguns de seus desconfortos. Porém, até que esse momento chegasse, a trajetória não foi fácil:

“Eu sempre me senti diferente. Sofri bullying dos 10 aos 15 anos por agir de modo diferente das outras meninas da minha idade. Minha família sempre me tratou como uma garota fresca que inventava que passava mal em determinadas situações (como estar em um carro com banco de couro (por causa do cheiro), ou nadar no mar e ficar com o sal grudado no corpo).

Por causa disso, desenvolvi síndrome do pânico, ansiedade e depressão, além de diversos problemas estomacais que ainda sigo na tentativa de diminuir.



Receber o diagnóstico provou para mim e para os outros que eu nunca menti sobre o que sentia e me ajudou a me conhecer melhor e fazer apenas as coisas que eu consigo, sem me julgar tanto ao não conseguir agir igual a todo mundo.

“Sofria também, por parte dos meus companheiros de escola, abuso psicológico constante e também algumas vezes tentaram machucar fisicamente a mim e aos que também eram próximos de mim. Ainda tenho dificuldade de convívio e, por ter personalidade forte, muitas vezes as pessoas se desentendem comigo, mesmo eu tentando ao máximo evitar.”

Hoje, a Amanda está na faculdade, em Juiz de Fora, e, embora não consiga participar de todas as aulas em laboratório, em função do mal estar causado por alguns cheiros e texturas, tem notas altas no curso. Possivelmente, fazer de sua paixão, sua profissão, tem grande papel nisso. Afinal, ela tem hiperfoco em aves e pretende trabalhar na área científica, com taxonomia (dar nomes e classificar espécies). Inclusive, a jovem já até faz estágio, dando os primeiros passos em sua trajetória profissional!

Ela conta que, no geral, tem boa relação com os professores da faculdade, que entendem suas dificuldades. Porém, infelizmente, o capacitismo permeia nossa cultura e, mesmo com o laudo entregue na universidade, alguns professores desconfiam de seu diagnóstico, prejudicando sua experiência enquanto aluna.

Mas “determinação” não é a palavra que melhor define a Amanda à toa: se ela quer algo, ela fará tudo que estiver ao seu alcance para conseguir. E, mesmo que alguns empecilhos (ou pessoas) venham a dificultar essa jornada, não serão decisivos para o resultado final. Bom, pelo menos é assim que a futura bióloga parece levar a vida.

Agora que você já conheceu a Amanda, que tal conferir os materiais produzidos com (e sobre) a Clara e o Lucas? Espero que goste!

## **ANEXO 3 - TEXTO SOBRE A CLARA**

### **Clara Liz: uma jovem que valoriza os detalhes**

Clara Liz Machado Barbosa, 19, vive com os pais e a irmã em Belo Horizonte (MG) e convive com um transtorno mental / psicológico ainda sem diagnóstico certo. Diversas foram as possibilidades levantadas ao longo dos anos, mas não há conclusão definitiva até o momento. Em geral, ela apresenta dificuldades em relação à memória, para lidar com as emoções e no processo de amadurecimento como um todo.

Clara tem também uma visão muito única do mundo, se atentando a detalhes que podem, muitas vezes, passar despercebidos. É por isso que nas fotos abaixo ela buscou retratar seu dia-a-dia, ressaltando tudo aquilo que despertava sua atenção em casa, na natação, na terapia ocupacional e nos espaços de lazer. Mas, antes de conferir as fotos, vamos conhecer a Clara?

<https://youtu.be/9YFnBXsd4x0>

Confira abaixo as fotos realizadas pela jovem, que revelam parte do seu olhar sobre o mundo e os espaços que frequenta.



Imagem de uma airfryer preta. A Clara escolheu o eletrodoméstico porque está associado a diversão, comidas gostosas e bons momentos em família. Além disso, gosta de girar o botão de temporizador.



Foto de cafeteira vermelha. A Clara gosta da cor da cafeteira e da bebida café. Porém, ela ressalta que gosta do café feito em casa, não dos de cafeteira.

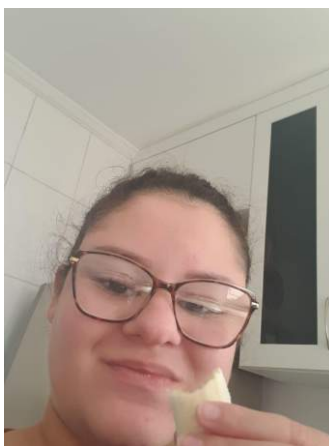


Foto selfie da Clara comendo banana. Ela tirou essa foto porque gosta da fruta, mas costuma ter aftas quando come.



Foto de sofá preto, com a mão da Clara na frente. A Clara conta que tentou imitar o dedo torto de uma colega e tirou a foto do sofá porque acha ele bonito e se sente feliz, com conforto e esperança.

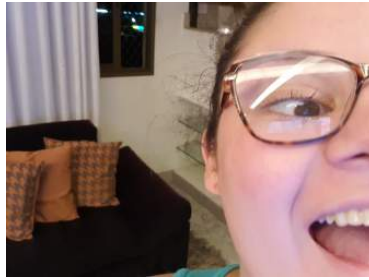


Foto selfie da Clara sorrindo ao lado do sofá. Ela estava feliz, porque se sentiu como uma blogueira, principalmente porque o reflexo no óculos parecia com o de uma ring light utilizada por digital influencers para fazer fotos e vídeos.



Foto do corredor de um prédio. A Clara relata que estava sem óculos e enxergou pouca coisa, mas gostou da imagem, porque tinha uma planta ao fundo e um interruptor.



Foto de banco, em que aparece parte da perna da mãe da Clara, Nara Barbosa, 59. Ela conta que tirou a foto porque estava com sono após pegar ônibus e queria se deitar no banco de espera da Terapia Ocupacional.



Imagem de interruptor. A Clara gosta de coisas com botões, para mexer e se desestressar. Mas não gosta do fato dele acender e apagar a luz — apenas gosta do som e de apertar.

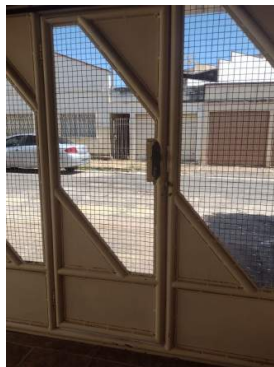


Imagem do portão da casa da avó materna da Clara, Maria Nunes, 81, que mora em Corinto (MG). A foto remete a boas lembranças de infância. Além disso, tirou a foto porque o dia estava bonito.



Foto de capinha de celular rosa. A jovem diz que a capinha traz sensação de conforto e simplicidade e remete aos vídeos que assiste no YouTube sobre celulares. “Quando vejo

vídeo de alguém com capinha rosa, eu ponho a rosa; preta, eu ponho a preta; verde, eu ponho a verde. E eu nunca me canso, não canso nunca.”

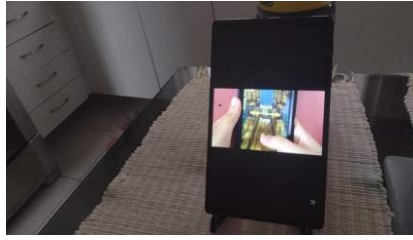


Imagem de tela de tablet passando vídeos de jogo. A Clara gosta muito de jogos e de assistir vídeos de pessoas jogando e, por isso, tirou a foto.



Foto em selfie da Clara com o pai, Valdecir Barbosa, 61. Eles são muito próximos, o “queridinho” dela.



Foto de dia nublado na estrada, com vegetação ao fundo. Ela gostou do céu “obscuro”.

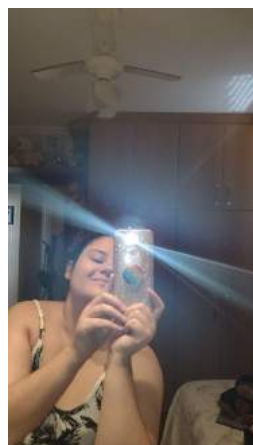


Foto tirada pela Clara em espelho. Ela se recorda de quando gostava de tirar fotos e usar redes sociais, em 2018, hábito que só retoma esporadicamente.

Se quiser conhecer mais sobre a Clara, assista a este vídeo! Nele, a família dela conta um pouco sobre a rotina, a convivência e as principais características da jovem. Veja só!

<https://drive.google.com/file/d/17KE7i1XW3NmmMgkwDcTP8wUrjTFL4cgm/view?usp=shari>

ng

## ANEXO 4 - TEXTO SOBRE O LUCAS

### Lucas Castro: o jovem apaixonado por esportes

Milena é pequena, bem magrinha, tem cabelo curto e suas madeixas castanhas estão constantemente presas. Ela esboça um sorriso espontâneo e afetuoso em cada frase.

Agitada, Milena sobe e desce os morros de Belo Horizonte de casa para o trabalho e do trabalho para casa várias vezes ao dia. Trabalha de manhã, à tarde e, às vezes, à noite. Nos intervalos, dá assistência ao Lucas. A pedagoga tem uma vida bastante corrida, mas ama o que faz e é apaixonada por seus alunos – principalmente os mais levados.

Sentada em minha frente, Milena tem olhar ameno, tom de voz doce e revela suas vulnerabilidades. Estamos em um espaço acolhedor e me sinto grata por poder fazer parte de sua história, mesmo que como ouvinte.

Lucas, por sua vez, é um rapaz forte, com braços definidos e estatura mediana. Sorri com os olhos castanhos, que são abraçados por seus cílios compridos. Tem um sorriso espontâneo e doce, que cativa. Conversar com o Lucas foi uma experiência e tanto.

O jovem conversa olhando nos olhos, se conectando comigo. Por vezes, observa o ambiente ao redor ou direciona sua atenção a algum ruído externo. Tem bastante energia, gesticula e se movimenta enquanto fala. Mas ao mesmo tempo, transmite paz e tranquilidade.

Milena e Lucas sempre foram uma dupla dinâmica e é possível ver a semelhança entre os dois em cada gesto, fala, risada e brincadeira. Mais do que mãe e filho, são dois grandes amigos.



Sou mãe. E agora?

Se há alguns anos me dissessem como aquela quarta-feira iria transformar a minha vida, talvez não acreditaria. O dia 03 de janeiro de 2001 poderia ser apenas mais um momento da minha juventude, mais um dia de verão em que o Sol reluzia entre as gotas de chuva passageiras. Mas não. Aquela simples quarta-feira trouxe o presente que iluminaria todos os meus dias, me ensinando um amor que jamais pensei experimentar.

Naquela sala da maternidade Santa Fé, na região leste de Belo Horizonte, cercada por familiares e amigas, me senti completa. Olhava para aquele ser que queria tanto conhecer a vida, que chegou antes do tempo previsto. Prematuro, Lucas Abraão de Castro Marquês nasceu com apenas 1.985 kg e 42 cm, sendo meu primeiro e único filho.



O começo não foi nada fácil, tão pequeno, Lucas logo teve complicações. Com hemorragias em diversos pontos da cabeça, precisou passar por quatro cirurgias. Por isso, ficamos cerca de noventa dias internados no Centro de Tratamento e Terapia Intensiva (CTI) do Hospital Vila da Serra, em Belo Horizonte. O médico chegou a dizer que o Luquinhas não iria sobreviver... Mas isso não era certo! Deus me deu aquele filho para eu cuidar, amar e sermos companhia um do outro. Eu não iria aceitar tão facilmente! E, de joelhos no chão e os olhos marejados em lágrimas, roguei pela vida do pequeno.

Deus me atendeu, pois é meu grande amigo. E, com isso, a maior dádiva nos foi concedida: o Lucas ficou bem, saudável e feliz. Contudo, alguns anos depois, percebi sinais de alerta, que foram reiterados pela minha mãe.

Lucas tinha um olhar aéreo e comportamentos que revelavam uma enorme irritação, como bater a cabeça ou morder seus bracinhos. Após consultas com diversos profissionais e a realização dos exames necessários, aos 4 anos, o Lucas foi diagnosticado com transtorno do espectro autista, TDAH, hiperatividade e um leve retardo. E agora?

Bom, agora, vamos viver o agora. Tudo isso representa um desafio, mas nada que se compare com a felicidade e o amor que meu filhote tem a oferecer. Além do mais, é preciso saber viver o hoje, pois é ele que verdadeiramente importa. E, hoje, o Lucas é meu equilíbrio, meu amigo e minha segurança.

É pela vida dele que, aos 45 anos, sou mais do que a Milena Castro, sou a mãe do Lucas, um belo rapaz de 21 anos conhecido por seu sorriso encantador.



Quem sou eu?

Dizem que sorrio bastante e que converso olhando bem fundo dos olhos da outra pessoa, transmitindo alegria. Isso acontece porque sou muito feliz e bastante alto astral. Dizem também que sou muito sociável, talvez até um pouco tagarela. Mas acho que isso só acontece porque sou bastante conhecido no bairro. Quando saio para passear, comerciantes, moradores de rua e até motoristas de ônibus sabem dar notícias sobre mim. Isso deixa minha mãe tranquila, porque quase sempre estou andando por aí.

Bastante inquieto, tenho energia de sobra! Acordo cedo pela manhã, arrumo a cama, organizo meu quarto e me ajesto para começar o dia. Então, vou para a sala e a cozinha, limpando a casa e cuidando das meninas – Bombom, Flor e Chuchu, minhas cachorrinhas. A Bombom é minha filha *pet*, sabia?

Depois de cumprir com as demandas do dia, por volta das 11h, me sento no sofá da sala para assistir televisão. Normalmente, “O encontro” ainda está passando... Fico ali até por volta do meio-dia, quando minha mãe chega para almoçar comigo. Ela costuma dar aula pela manhã, mas nunca perde nossos momentos, ela sabe como a rotina me faz bem.

Depois de comer bastante, com muita variedade e, principalmente, muita salada – porque eu sou geração saúde; sou atleta, mesmo que não seja profissional – termino de me arrumar para ir para a escola.

Que dia é hoje? Tal. Então, vejo quais aulas vou ter, leio meus cadernos para ver qual corresponde a cada matéria e organizo minha mochila. Escovo meus dentes com cuidado e vou para a escola. E falando em escovar os dentes... Eu nunca tive uma cárie! E quando era mais novo, arrancava meus dentes de leite sozinho, com a mão. Minha mãe explicou que tenho alta tolerância à dor... Eu sou forte, por isso quase nunca choro, só quando era bebezinho. Até machuquei a mão esses dias andando de skate e não senti nada!

Mas voltando à minha rotina... Na escola eu gosto de todas as matérias, matemática, história, ciências (para aprender sobre os animais) e educação física, principalmente. Sou muito estudioso e fico muito feliz quando acerto alguma resposta. Até comemoro vibrando, da mesma forma que celebro um gol!

Depois da aula, gosto de jogar futebol amador com meus colegas, usando uma bolinha de papel, e faço muitos gols! Mas logo vou para casa. Chegando lá, repito tudo o que fiz pela manhã. Eu preciso desses rituais, senão posso ficar agitado. Mas minha energia não acaba por aí!

Eu também passeio pelo bairro, pratico corrida, ando de skate, canto bastante, leio e converso com quem estiver pelo caminho.

<https://youtu.be/WqUsGWQ4krA>

Normalmente, minha mãe vem para casa para preparar meu jantar. E depois de comer, como sou apaixonado por televisão, assisto ao jornal, às novelas e ao reality show mais famoso do Brasil, indo dormir apenas no início da madrugada.

Uma curiosidade é que sei imitar as falas de introdução e encerramento dos principais jornais, falando da mesma forma que os apresentadores da bancada. Já até quis ser jornalista, mas parece ser uma profissão difícil. Bom, quem sabe um dia, né?

Ah, no final de semana minha rotina é diferente. Se eu acordar e olhar que dia é hoje e for sábado, já sei que posso fazer bastante coisa e é aí que me levanto cheio de energia.

Então, passeio com “as meninas” na rua, vou ao grupo de jovens, corro cerca de 6km para me preparar para a corrida do Galo, jogo futebol, ando de skate, passeio de bicicleta e, às vezes, saio com minha mãe para comer. A gente também gosta de conversar e assistir televisão juntos, principalmente jornal e novelas. São nossos momentos.

Eu sou bastante feliz e animado. aquela pessoa “vamos? vamos!”, inteligente e “modesto até demais”, sei que sou um cara realmente especial e muito amado. Por isso, faço tudo com muito alto astral, tendo diversos hobbies.

É GOL!!! A quadra do colégio nunca viu a bolinha de papel atravessar tantas vezes o

vazio entre as traves em tão pouco tempo. Em uma só tarde, logo após as aulas, Lucas Castro, de 21 anos, fez quatro gols incríveis. Mas não é para menos: esse aluno do 9º ano do ensino fundamental tem duas predileções: o esporte e a música.

O futebol é uma paixão. Eu sou atleta, só não sou profissional. Gosto de me manter em forma, sou forte e jogo bastante, mesmo que só com uma bola de papel improvisada. Inclusive, jogo um pouco quase todos os dias. Mas não sou só jogador, eu realmente gosto de saber sobre o esporte.

Tenho dois álbuns de futebol (são álbuns, não livros) que são meus xodós. Sei tudo sobre os principais times do Brasil e leio esses materiais quantas vezes for preciso. Amo tanto futebol, que tenho a camisa de vários times e, em alguns casos, até o uniforme completo! Minha torcida é por quem estiver em campo, mas se precisar escolher, gosto bastante do Palmeiras. Minha mãe também, é nosso time.

Como gosto bastante de esporte e de música, tenho vários talentos e uma memória fora de série para ambos – se eu escutar uma música, logo na primeira vez já consigo reproduzir toda a letra. É por isso, que sei cantar o hino de quase todos os times e vibro com cada um deles. Legal, né?

Ah, de tanto que eu amo música e canto o dia inteiro pela casa, aos 14 anos, minha mãe me alfabetizou utilizando música, porque na escola não havíamos encontrado um método compatível e ela, como pedagoga, achou essa ótima alternativa!

Isso foi ótimo, pois gosto bastante de ler. Não só meus álbuns de futebol, mas também gibis da Turma da Mônica e histórias como a do Peter Pan. Eu gosto tanto que, às vezes, fico imerso na narrativa e, quando assusto, já escrevi toda a história e desenhei as cenas como as imagino, fazendo um livro só meu.

Minha mãe diz que é um desafio entender o que penso e o que se passa na minha cabeça. Eu reconheço ter algumas questões, como quando fico agitado ou quando me dizem não... Interpretar as pessoas pode ser difícil. Mas eu acho que tudo faz muito sentido na minha cabeça!

Ultimamente, tenho feito planos e sonhado bastante sobre o futuro, mas sem permitir que se torne motivo de ansiedade. Já tomo remédios que me ajudam nisso, mas é sempre importante me cuidar.

Quando terminar o 9º ano, eu e minha mãe vamos buscar um trabalho para mim. Sou bastante forte, posso trabalhar carregando coisas. Assim, vou ter meu dinheiro para comprar lanches, passear ou sair com uma gatinha. A propósito, tenho o grande sonho de me casar! Queria ter também 10 filhos, mas pensando com cuidado, talvez dois seja um número mais razoável. Minha mãe me explicou como é difícil criar uma criança, mas eu queria mesmo era ter a casa sempre cheia: quanto mais gente, melhor!

---

Lucas Abraão de Castro Marquês, 21, mora com a mãe na região Noroeste de Belo Horizonte, em um bairro tradicional da cidade. O jovem, que está cursando o 9º do ensino fundamental II, foi diagnosticado aos 4 anos de idade com Transtorno do Espectro Autista, TDAH, hiperatividade e retardo mental leve, iniciando uma trajetória de cuidados e mudanças na rotina da família.

A mãe, Milena Castro, 45, conta que buscou dar ao Lucas uma criação que lhe permitisse autonomia e independência. É por isso que o rapaz tem liberdade e segurança para andar pelas ruas do bairro, fazer amizades e praticar diversas atividades, ajudando, inclusive, nos cuidados da casa.

Hoje, Lucas e Milena pensam no futuro: ao finalizar o ano letivo, o jovem deverá procurar um emprego para sustentar seus momentos de lazer e contribuir com as despesas do lar. Mas o Lucas cria expectativas e sonha com acontecimentos talvez um pouco mais distantes, pois ainda é muito novo — ele quer casar e ter filhos.

Agora que você já conhece o Lucas, que tal saber mais sobre a Amanda e a Clara?

## **ANEXO 5 - ENTREVISTA PINGUE-PONGUE**

Para nos ajudar a entender melhor o Transtorno do Espectro Autista, com o qual o Lucas e a Amanda foram diagnosticados, conversei com a psiquiatra Daniela Alves, que atende no Instituto Renascimento, em Belo Horizonte (MG). Confira abaixo a entrevista completa!

### **1. O que é o transtorno do espectro autista (TEA)?**

Trata-se de um transtorno do neurodesenvolvimento, portanto, de aparecimento precoce durante a infância – apesar de nem sempre ser diagnosticado precocemente – e caracterizado por alterações nas habilidades sociais, na comunicação verbal e não verbal e padrões estereotipados de comportamento, podendo estar associado ou não a retardo mental e levando a problemas de aprendizagem e/ou relacionamento.

### **2. Quais são as causas desse transtorno?**

Estudos científicos ainda não determinam com exatidão suas causas, que hoje entendemos ser multifatoriais, envolvendo alterações genéticas, epigenéticas, metabólicas, alterações da neurofisiologia e neurocognição que são estudadas a partir de teorias como a “teoria da mente”, “teoria da coerência central” e alterações na construção/compreensão da linguagem verbal e não verbal. Contudo, nenhuma delas ainda é conclusiva em explicar a origem do TEA, mas fornecem pistas sobre como auxiliar os indivíduos afetados do que propriamente uma causa.

### **3. As pessoas entrevistadas falaram sobre hiperfoco e resistência à dor. Essas características são comuns a todos os indivíduos diagnosticados com TEA? Poderia explicar sobre?**

Não, apesar de serem muito comuns em pessoas com o transtorno, não é 100% prevalente. Além disso, são características que podem ser observadas em pessoas neurotípicas ou com outros transtornos como TDAH e esquizofrenia.

O hiperfoco vem a ser uma hiperconcentração da atenção em alguma atividade, comportamento ou interesse que torna o indivíduo “refratário” momentaneamente a outros estímulos, trazendo até confusão, com redução da acuidade auditiva, dependendo da fase do desenvolvimento em que é percebido pelos cuidadores. Está associado à ativação do córtex pré-frontal, responsável pela atenção concentrada e planejamento, mediado por neurotransmissão dopaminérgica de forma geral.

Quanto à resistência à dor questiona-se se ela se deve à disfunção na percepção global de reações à dor (pela tendência a perceber os detalhes e não o contexto geral) a partir da observação de outros seres humanos ou se trataria de limiar mais alto à percepção neural/cerebral ao estímulo doloroso, em termos de desencadeamento de reação eletroquímica neuronal, podendo concorrer ambas as situações no processo de “resistência” maior à dor.

Assim como podem apresentar resistência a determinados estímulos, outros destes podem ser extremamente irritantes para pessoas autistas, por exemplo, luminosidade do

ambiente, alteração da disposição de móveis e objetos, padrões de cores, luzes, estampas, texturas seja de tecidos ou mesmo de alimentos, ocasionando maior seletividade na tolerância quanto ao vestir-se, alimentar-se e convivência, lazer, etc.

#### **4. Sobre as crises de agitação psicomotora, como acontecem?**

São momentos de agitação, em resposta a algum estímulo percebido como desagradável ou mesmo muito agradável, seja externo ao indivíduo ou interno, a partir de percepções que não saiba nomear ou lidar, por exemplo. Essas agitações podem ser autodirigidas ou mesmo dirigidas para objetos, pessoas ou ambiente em que se encontra. Precisa haver cuidado e buscar estratégias de autorregulação para que a pessoa com TEA não venha a ferir-se ou causar danos a outros.

Nesses momentos, podem acentuar as chamadas **estereotípias**, que são comportamentos motores ou verbais repetitivos e que possuem funções variadas de acordo com cada indivíduo. Podem ocorrer quando a pessoa está hiperexcitada, ansiosa, frustrada, ansiosa ou incomodada sensorialmente, na tentativa de se autorregular. Outras vezes, podem produzir determinado movimento ou vocalização para saciar uma busca sensorial. Essas estereotípias podem ser bem vindas, mas também atrapalhar o desenvolvimento da criança com TEA e por isso é preciso usar de sensibilidade e técnica para ajudá-la a rever tais comportamentos, minimizando prejuízos.

#### **5. Como tornar a experiência das pessoas com TEA na escola, no lazer e na vida social mais acessível e inclusiva?**

Primeiramente, há necessidade de conscientização: da própria pessoa com TEA, que é única em suas necessidades e especificidades; da família, para compreender, aceitar e acolher esse indivíduo, propiciando as estratégias para que ela própria e os ambientes nos quais circula e se relaciona possam ser informados e adaptados para oferecer menores riscos e gatilhos para reações de agitação psicomotora, prevenindo, assim, resistências ao convívio social e escolar, por exemplo. Professores e educadores necessitam de treinamento e capacitação para receber esses alunos em sala de aula.

Muitas pessoas com TEA, bem como a família, necessitam de atendimento multiprofissional, com psicólogos, fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais, psicopedagogos, assistentes sociais ou mesmo pessoas sensíveis e respeitadas que estejam preocupadas e engajadas no cuidado/acolhimento das necessidades específicas desse indivíduo.

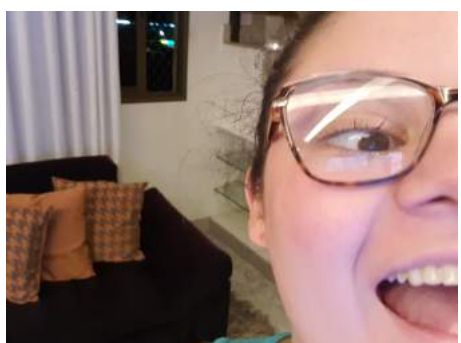
**ANEXO 6 - COMPILADO DE FOTOS AMANDA**

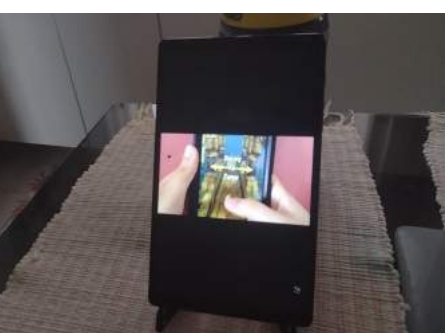
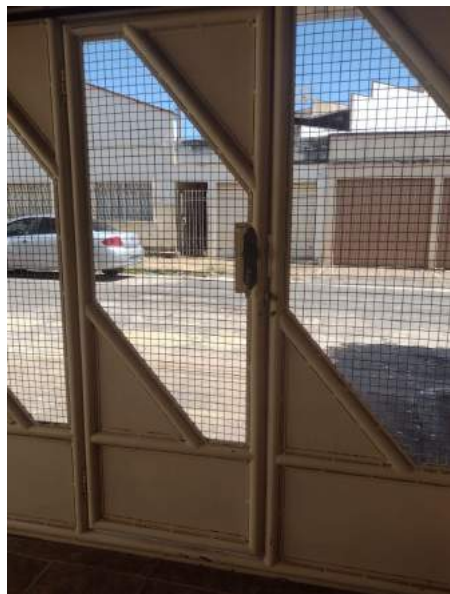






**ANEXO 7 - COMPILADO DE FOTOS CLARA**







**ANEXO 8 - COMPILADO DE FOTOS LUCAS**





## ANEXO 9 - COLAGENS

